

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

JHENIFFER DE OLIVEIRA PEREIRA

**A LINGUAGEM DA DANÇA NAS AULAS DE ARTE NAS ESCOLAS MUNICIPAIS
EM IÇARA**

**CRICIÚMA-SC
2016**

JHENIFFER DE OLIVEIRA PEREIRA

**A LINGUAGEM DA DANÇA NAS AULAS DE ARTE NAS ESCOLAS MUNICIPAIS
EM IÇARA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador (a): Prof. (ª) Mª. Francine Costa de Bom

CRICIÚMA-SC

2016

JHENIFFER DE OLIVEIRA PEREIRA

**A LINGUAGEM DA DANÇA NAS AULAS DE ARTE NAS ESCOLAS MUNICIPAIS
EM IÇARA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 22 de novembro de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Francine Costa De Bom - Mestre - (UNESC) - Orientadora

Prof^a Édina Regina Baumer - Mestre - (UNESC)

Prof^a. Katuscia Angélica Micaela de Oliveira - Mestre - (UNISUL)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por estar sempre presente em minha vida. Por me fazer crer que o recomeço é uma nova possibilidade para o acerto e que tudo ocorre em seu tempo.

Agradeço a minha mãe, Dalva de Oliveira por me dar forças e sempre incentivar todo o meu processo de educação, estando sempre me acompanhando. E ser a minha inspiração para a jornada no mundo da dança.

Agradeço a todos os meus professores na Universidade e fora, dela que colaboraram para o que sou hoje.

Agradeço a todos os grupos de dança que já passei, em especial ao grupo Soul Dance (Içara) e Mult Style (Criciúma), onde não apenas carrego comigo toda a bagagem de dança como também grandes amigos no coração.

Agradeço a todos os meus amigos e familiares em especial ao meu namorado Felipe Vaz Franco por compreender a minha ausência nos momentos de estudo.

Com muito carinho agradeço a minha orientadora Francine Costa de Bom que muito me inspira que me direcionou e incentivou em todo o processo da pesquisa e na vida.

“Se eu pudesse explicar o que as coisas significam, não teria a necessidade de dançá-las.”

Isadora Duncan

RESUMO

A dança como linguagem da arte é contemplada pela sua dimensão estética, trazendo a expressividade de um discurso. A linguagem da dança como área de conhecimento a ser explorada na Educação Básica passa pelos processos de ensino aprendizagem. O objetivo geral desta pesquisa é descrever qual é o espaço que a linguagem da dança ocupa nas aulas de Arte, na educação infantil nas escolas municipais em Içara. A partir disso, coletei dados através de entrevista semi estruturada com 7 professoras com formação em Arte. A pesquisa caracteriza-se como descritiva e de campo, com uma abordagem qualitativa. Analisei os dados da pesquisa à luz do referencial teórico e a partir do discurso dos professores foi possível constatar que a linguagem da dança nas aulas de Arte se apresenta na práxis das professoras apenas com alguns componentes da linguagem da dança e com muitas fragilidades, muitas vezes estando presente apenas nas festividades escolares. Para tal, compus um plano de curso voltado para a formação continuada. Portanto, percebe-se como é frágil a práxis do professor de Arte quanto a linguagem da dança e quão poucas experiências com dança na escola.

Palavras-chave: Dança. Escola. Educação. Ensino da arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Dança na Corte.....	16
Figura 2 - Rei Luiz XIV – Rei Sol.....	18
Figura 3 - Isadora Duncan,1921.....	20
Figura 4 - Cena de "Velox", da Cia. de Dança Deborah Colker	22
Figura 5 - The Star - Edgar Degas, 1878	33
Figura 6 - 4POR4 - Deborah Colker, 2002.	34
Figura 7 - Maya With Her Doll - Pablo Picasso, 1938	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação á Docência

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 CONCEITUANDO A DANÇA	13
2.2 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO.....	14
3 A DANÇA NO CURRÍCULO DE ARTE	25
3.1 ARTE-EDUCAÇÃO	25
3.2 DISCIPLINA DE ARTE E FORMAÇÃO DOCENTE	27
3.3 RELAÇÕES ENTRE DANÇA E ARTES VISUAIS.....	32
4 A DANÇA ENQUANTO LINGUAGEM: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DE ENSINO	37
4.1 ENTÃO, DANÇA É AREA DE CONHECIMENTO?	37
4.2 POSSIBILIDADES PEDAGOGICAS DE ENSINO: LINGUAGEM DA DANÇA	39
4.3 EDUCAÇÃO INFANTIL: A INFÂNCIA E A DANÇA	44
5 METODOLOGIA	49
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	49
5.2 CAMPO E SUJEITOS DO ESTUDO	49
5.3 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	50
6 ANÁLISE DE DADOS/CATEGORIAS	51
6.1 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DAS AULAS DE ARTE A PARTIR DA LINGUAGEM DA DANÇA	51
6.1.1 Conteúdo – descrição previa das aulas	51
6.1.2 Elaboração do plano de aula	53
6.1.3 O processo coreográfico	55
6.2 DIFICULDADES NA PRÁTICA PEDAGOGICA COM A LINGUAGEM DA DANÇA	57
6.2.1 Implicações da formação docente	60
6.3 IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM DA DANÇA NO ENSINO DA ARTE PELA VISÃO DOCENTE.....	61
6.4 O ESPAÇO DA LINGUAGEM DA DANÇA NAS AULAS DE ARTE	62
7 DANÇA NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA	64
7.1 EMENTA	64
7.2 CARGA E PUBLICO ALVO	64

7.3 JUSTIFICATIVA	64
7.4 OBJETIVO GERAL	66
7.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	66
7.6 METODOLOGIA.....	66
7.7 REFERÊNCIA	68
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS.....	71
APÊNDICE (S).....	73
APÊNDICE A - QUADRO DE PERGUNTAS E RESPONTAS DA AMOSTRA	74
APÊNDICE B - IDENTIFICAÇÃO DA AMOSTRA	82
APÊNDICE C - MATRIZ ANALÍTICA	83
APÊNDICE D - AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA	84

1 INTRODUÇÃO

Desde muito cedo ainda na educação infantil o gosto pela dança já existia, praticamente em todos os eventos escolares lá estava eu sempre presente dançando. Sempre gostei do palco, e esse gosto já era de família. Minha mãe quando mais nova sonhava em ser uma dançarina, na época a sua única referência eram as “chacretes do chacrinha”. A partir do sonho da minha mãe que sempre foi ser uma dançarina e infelizmente não pode pois na época a família era muito humilde e raramente saiam do campo, quando ela teve a oportunidade mais que imediatamente iniciei as aulas de dança, assim realizando em minha vida o seu próprio sonho. Fiz deste sonho o meu também.

Durante toda minha vida escolar lembro bem das apresentações de dança na escola desde a educação infantil até o ensino médio, inclusive os registros em fotos ainda são guardados com muito zelo por mim e por minha mãe.

A maioria destas apresentações de dança se caracterizava exatamente assim como “apresentações” e não como aulas de dança muito menos de Arte.

As apresentações na sua totalidade eram de cumprimento do calendário festivo da escola; dia das mães; dia dos pais; festa de natal e competições em gincanas das quais as provas de dança sempre tinham eu e minha mãe a frente.

Mais tarde com 14 anos de idade iniciei aulas de danças urbanas em uma oficina oferecida pela Prefeitura Municipal de Içara. A partir daquele ano nunca mais parei de dançar em grupos de dança geralmente em grupos de danças urbanas e fazendo aulas regulares de ballet, jazz e dança contemporânea.

No momento da escolha de um curso superior fui induzida na época por amigos e familiares a não fazer nada com relação a arte “porque não tinha futuro”, iniciei o curso de administração de empresas na UNESC e fui até a 3ª fase, mas o coração batia mais forte pela dança.

Conhecendo melhor os cursos de graduação que a UNESC ofertará, me encantei por Artes Visuais, pois era o que melhor se aproximava da linguagem da dança.

Cada semestre que se passava e as escolas em que eu passei ou pelos estágios obrigatórios, que inclusive fiz em escolas do município de Içara que no passado eu já tinha estudado, ou pela minha participação no PIBID-Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, vi que a dança pouco estava na

escola e tão pouco presentes nas aulas de arte. Também percebendo que quando a dança estava inserida na escola, apenas cumpriam com os compromissos festivos do ambiente escolar.

Resolvi então escrever meu projeto de pesquisa sobre a linguagem da dança que é minha paixão, pois várias questões sobre essa linguagem quando iniciei minha graduação ainda me acerbam. Como está disposta essa linguagem no currículo? Quem é o responsável pela linguagem da dança na escola? De que maneira a dança está inserida na escola? A dança está na escola? Diante destes questionamentos percebi a necessidade de pesquisar a dança no contexto da arte, no qual surgiu o problema: Qual é o espaço que a linguagem da dança ocupa nas aulas de Arte, nas escolas municipais em Içara?

As questões norteadoras foram construídas a partir do problema da pesquisa:

- De que forma os professores de Artes planejam e executam (ou não) suas aulas a partir da linguagem da dança?
- Quais são as dificuldades encontradas pelos professores durante a ministração das aulas de Arte a partir da linguagem da dança?
- Qual a relevância e a importância da linguagem da dança para o ensino da arte na educação infantil na visão dos professores?

Para auxiliar, estes foram alguns dos questionamentos que delimitaram o objeto da minha pesquisa que busca: Descrever qual é o espaço que a linguagem da dança ocupa nas aulas de Arte, na educação infantil nas escolas municipais em Içara. Pontuando os seguintes objetivos específicos;

- Relatar como os professores de Arte planejam e executam suas aulas a partir da linguagem da dança;
- Apontar quais são as dificuldades encontradas pelos professores de Arte na prática pedagógica de suas aulas a partir da linguagem da dança;
- Mencionar qual é a importância da linguagem da dança para o ensino da Arte na Educação infantil, conferido pelos professores da amostra.

No primeiro momento o presente estudo apresenta o referencial teórico que se subdivide em capítulos e subcapítulos: Conceituando a Dança, Desenvolvimento Histórico, A dança no currículo de Arte, Arte-educação, Disciplina e Formação Docente, Relações entre Dança e Artes Visuais, A dança enquanto

linguagem: possibilidades pedagógicas de ensino, Então Dança é Área de Conhecimento? Possibilidades Pedagógicas de ensino: Linguagem da Dança, Educação Infantil: A infância e a dança.

A metodologia em segundo momento esclarece os procedimentos utilizados no presente estudo. Em seguida, apresentamos a análise e discussão de dados baseadas no estudo de categorias. Segundo Minayo (2004a) são aquelas que retêm as relações sociais fundamentais e podem ser consideradas balizas para o conhecimento do objeto nos seus aspectos gerais. Por fim, no terceiro momento é conferida a conclusão deste trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITUANDO A DANÇA

Das manifestações mais antigas do mundo temos a dança que em sua história está sempre relacionada a várias culturas. Assim, a necessidade de se expressar através da dança leva a humanidade a utilizar desta linguagem da arte como meio de contar a sua história. “A dança é e, sempre, será um patrimônio histórico que permeia a cultura corporal do homem.” (HASS, 2003, p.66). Foi por meio desta dança, que conta histórias, em que o homem descobriu sensações. A dança condiz como objeto e fator da cultura humana, desde sempre foi moldada com as influencias do contexto social, econômico, religioso e político, que proibiram , contestaram , exploraram e divertiram com a dança. Pois desde a existência do homem já existia a dança e ela comunica, expressa. É uma arte universal todos dançam em qualquer lugar de varias maneiras e em qualquer época, se torna a memória de um povo e faz que muitas vezes faz apenas o uso do corpo como instrumento desta arte.

O movimento é algo inerente aos seres humanos, segundo Salvador (2013, p.39), “a dança é uma das possibilidades de essa movimentação acontecer de maneira expressiva”, todos nos movimentamos e esses movimentos são relações com social ou cultural a partir dessas relações surgem a influencia para os signos e narrativas que comunicam através destes movimentos do corpo. No surgimento das danças codificadas como a dança da corte a livre expressão passa a ser controlada, como nos dias de hoje onde a movimentos que não são bem vistos pela sociedade, ressaltando a grande influencia que desde sempre a sociedade tem sobre o movimento do homem. O corpo se torna instrumento para o movimento expressivo de manifestação cultural, o qual muitas culturas são reconhecidas principalmente pelas suas danças, como as danças de origem africana ou as danças brasileiras como o samba que se torna uma marca forte para reconhecer o povo.

Podemos ainda ressaltar que “[...]a dança em geral é a expressão por meio do movimento [...]” (OSSONA, 2011, p.15), o movimento se faz dança quando o corpo expressa a mente, sendo o corpo o instrumento da dança. Para que o corpo entenda a dança primeiro tem de entender o seu próprio corpo e suas possibilidades, ainda a considerar toda a sua historia corporal e as influencias

sociais e culturais. O ser humano desde que nasce já comunica, Osson (2011), classifica como movimentos orgânicos e instintivos, como o chorar de um bebê por algo desejado. Já os movimentos expressivos são como que uma necessidade do ser humano em se comunicar com o outro. E não apenas pela linguagem escrita ou falada que o homem se comunica, mas também pela linguagem corporal, o movimento.

Marques (2012b, p.31), corrobora citando que “a especificidade da dança está justamente em tratá-la como arte e não como movimento, terapia ou recurso educacional.” Entendendo a dança como um conjunto de cultura, narrativa, coreografia, musicalidade e fundamentos técnicos, que darão base para a obra de arte.

Não podendo limitar os conceitos sobre dança “[...] pois a dança é arte, conhecimento, linguagem¹ artística [...]” (MARQUES, 2012a, p.29), e vastos são as maneiras que podemos explicar a dança.

Segundo Marques (2012b), a dança, portanto é como uma das vias de educação do corpo criador e crítico. Torna-se praticamente indispensável para vivermos presentes, críticos e participantes na sociedade atual.

2.2 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

A humanidade há muito tempo tem na expressão corporal, por meio da dança, uma forma de comunicação e Garcia e Hass (2003, p.66) afirmam que “os primeiros documentos sobre a origem histórica da dança vêm de pinturas e esculturas rupestres na Era Primitiva.”

A dança, conjugada como produto e fator da cultura humana, estampa, portanto, desde seu surgimento nos tempos primitivos até a atualidade, uma linguagem corporal moldurada e inserida sob a influência dos contextos econômicos, sociais, políticos, religiosa e econômicos, presentes no desenrolar de regimes históricos-sociais, evocando suas necessidades, crenças, tradições, convicções, recebidas na sua natureza artístico-cultural. (HASS, 2003, p.66)

A dança por ser muito difundida em ritos religiosos, tinha um caráter místico. Porém nos tempos primitivos os primeiros registros de dança não eram de

¹¹ Segundo Oliveira (2008) a palavra linguagem refere-se a um conjunto de símbolos capaz de comunicar seus significados.

caráter religiosos e sim danças circulares na sua maioria sem caráter de contato ao outro e principalmente uma imitação de animais que sutilmente já se apresentava como início de uma forma de dança, pelas suas características e gestos. Segundo Osson (2011, p.42):

O movimento dançado foi primeiro transbordamento emotivo, manifestação desordenada de temores e afetos, iras e recusas, sem outra organização que a imposta pela própria estrutura do corpo e, possivelmente, sem outra particularidade que não uma apaixonada atração pelo ritmo. Logo passou a ser sucessivamente conjuro mágico, rito, cerimonia, celebração popular e, por fim simples diversão.

Inicialmente essas danças primitivas e em processo de evolução não tinham músicas como vemos nos dias de hoje. “Cantando, com o bater das palmas das mãos estalando os dedos ou batendo taquaras no chão, movimentam as danças.” (ELLMERICH, 1987, p.13).

Como na evolução desta dança, ainda que primitiva, os instrumentos para essa forma de música também evoluíram. De acordo com essa necessidade do ser humano de expressão a “modernização” da dança acompanhou a da música ou vice-versa.

Desde a era primitiva a dança esteve em constante evolução e presente em várias culturas e em vários lugares do mundo. Na maioria com caráter religioso e funerário, um dos exemplos de dança enquanto caráter fúnebre temos segundo Ellmerich (1987, p. 14):

Nas danças funerárias, os *mouou* (bailarinos) iam ao encontro dos cortejos fúnebres; as suas execuções coreográficas deveriam facilitar a entrada do defunto no além. Das danças profanas, convém citar: *gawasis* (dança voluptuosa de movimento crescente) e *guêpe* (dança de véus).

Os registros dessas danças são na sua maioria por descobertos arqueológicos, entre murais, esculturas e pinturas ainda que em estado crítico de preservação possuíam características de dança. Um dos exemplos de registro sobre dança são as escrituras bíblicas. “A bíblia menciona Miriam, irmã de Aarão, que com o pandeiro na mão organiza uma dança para festejar a travessia do Mar Vermelho.” (ELLMERICH, 1987, p.14).

Também em registros bíblicos algumas danças são mencionadas como executadas em templos, já naquela época existiam dançarinos de certa forma

“profissionais”. Podemos citar hoje os ministérios de dança que estão em grande número e já correspondem a uma parcela significativa do mundo da dança.

Desde então a dança foi se transformando e aos poucos se tornou acessível às camadas proletarizadas de uma sociedade que já não era tão primitiva que já tinha uma constituição societal próxima do que temos hoje. Ou seja, os dominantes e os dominados comunicando-se pela linguagem verbal comum entre si, as quais já desenvolviam outro tipo de dança: as folclóricas. “A principal característica dessa dança é a integração, socialização, prazer, divertimento, respeito aos costumes e tradições.” (HASS, 2003, p.121).

Então na Idade Média essa dança folclórica ganha destaque pois ela representa o trabalho dos camponeses. Geralmente danças com passos fortes, marcados e espontâneos sempre muito alegres. Neste período a igreja cristã tenta de todas as formas o repúdio e a proibição desse tipo de dança que se caracterizava no cristianismo como pecado. Pois “[...] apesar de inúmeras tentativas de proibição da dança, a religião não conseguiu extinguir vestígios pagãos nos costumes populares [...]” (HASS, 2003, p.74).

Logo essa dança também despertou o interesse da nobreza. Mas ao chegar aos castelos a dança ganhou uma nova aparência, deixou de ser tão espontânea e ganhou movimentos leves e movimentação codificada, entre os movimentos muitos floreios que exalavam a elegância ao lugar em que estavam. As roupas não eram mais leves e sim pesadas como grandes vestidos e roupas muito elegantes para a época (conforme destacado na figura 1).

Figura 1- Dança na Corte



Fonte: Gravura de autor desconhecido. (TADRA, 2012, p.22).

Segundo Strazzacappa e Morandi (2006) pode se reconhecer o estilo de dança por suas vestimentas/figurinos. Desta forma na Idade Média a dança estabelece-se como divertimento tanto no campo com as danças folclóricas, como na nobreza com a dança da corte. Ainda sem o formato de espetáculo como conhecemos hoje. “[...] Nossa tendência é admitir que, nos seus primórdios, o ballet teve um elemento artístico, mas foi exercido também com uma finalidade prática, o que o faz ter características de um jogo social.” (CAMINADA, 1999, p.88).

O movimento renascentista surgiu na Itália, na passagem da Idade Média para a Moderna, foi um movimento de ordem artística, cultural e científica.

A dança na renascença deixa de ser uma atividade lúdica realizada nas aldeias, mais precisamente, nas praças, salões e castelos e evolui para outros formatos de dança, principalmente a dança da corte. “No período, era importante saber dançar para se conviver em sociedade e foi então que se iniciou a organização de danças coreografada, como minueto, pavana, gavotte, poloneso, entre outras.” (TADRA, 2012, p.21).

Entre os séculos XIV e XVI houveram diversas mudanças no campo das artes, dentro deste contexto também a dança que sofreu profundas alterações pela revolução do pensamento estético.

Durante o reinado de Luís XIV (1774 - 1789) (conforme destacado na figura 2), o balé se desenvolve, “[...] foi um marco para o grande desenvolvimento da dança, pois foi através dele que surgiu o balé.” (TADRA, 2012, p.24). Era desde jovem um apreciador e grande bailarino. Uma das suas mais marcantes aparições foi como o Rei Sol, “[...] no balé chamado *La Nuit*, que tinha um cunho político, pois o astro rei entrava no salão com a finalidade de cuidar e proteger da casa, ou seja, a França.” (TADRA, 2012, p.24).

Figura 2 - Rei Luiz XIV – Rei Sol



Fonte: Disponível em:
<<http://asvidasdanca.blogspot.com.br/2014/08/aula-ballet-na-corte-do-rei-sol-luis-xiv.html>>.

Rei Luiz XIV, com a intenção de aperfeiçoar os bailarinos e músicos criou a Academia Real de Música e Dança. “Com isso, passou a ser apresentada em palcos elevados, com a plateia a frente, determinando reformulações técnicas e estéticas para essa arte.” (TADRA, 2012, p.24).

Após a nomeação de Jean Georges Noverre a mestre de *ballet* pela rainha Maria Antonieta que tinha apreço a bom divertimento. A estrutura da dança tem o primeiro encontro entre artista/dançarino/coreografo/mestre de ballet e o expectador.

Noverre esteve em diversas cortes alemãs e colaborou com Gluck em Viena, onde também foi professor de Maria Antonieta. Na corte de Stuttgart teve quinhentos bailarinos a sua disposição. Ele é o criador do ballet d'action, isto é, o bailado como espetáculo independente, contendo enredo no qual movimento e ação coincidem completamente. (ELLMERICH, 1987, p.128)

Ellmerich (1987) descreve que na segunda metade do século XIX, o “bailado” clássico torna-se muito apreciado e importante, passando a constituir tema único em representações cênicas, deixando de ser simples complemento de obras teatrais, como operas e operetas etc.

Mesmo neste momento de transição de dança enquanto ludicidade para dança-espetáculo, a dança popular ainda se mantinha forte nas suas raízes com poucas interferências. “As danças populares continuaram existindo, não só mantendo suas tradições, mas também introduzindo figuras novas, vindas dos balés da corte. O gosto e afeição pela dança tornavam-se cada vez maiores.” (HASS, 2003, p.76).

Sobre a evolução do ballet clássico a influência do romantismo e de toda a arte da época também impacta na dança. O romantismo que surge no século XIX sobe oposição ao iluminismo e ao neoclassicismo francês. “O balé clássico, neste sentido, incorporou-se a esse movimento, negando a realidade, indo ao encontro da fantasia, do irreal, do imaginário e do etéreo.” (HASS, 2003, p.79).

Neste momento, a partir do nascimento do balé clássico, os mestres de ballet já tinham suas companhias de dança e assim as escolas de dança na sua totalidade até então eram escolas de ballet clássico, ganhando espaço como forma de espetáculos e tornando independentes da corte. Segundo Tadra (2012), também neste mesmo período do romantismo, foi criada as sapatilhas de ponta. Usadas até hoje somente pelas mulheres.

Então no século XX inicia o tempo da mudança, onde todas as áreas da humanidade sofrem mudanças, sente-se a necessidade de quebrar as convicções já estabelecidas a anos, na arte não é diferente, e essa mudança chega a dança. “A necessidade de transformações, liberdade, ideias renovadoras, e inovadoras foram o centro das atenções desde o início desse século.” (HASS, 2003, p. 88).

Referência nesta fase de mudança da dança, Isadora Duncan (conforme destacado na figura 3), surge provocando a sociedade. “Inconformada com a

técnica, com as regras rígidas, com os modelos tradicionais e arcaicos do balé clássico, criou sua própria forma de dança.” (HASS, 2003, p.89). Sua dança quebrou muitas regras, dançava livremente muitas vezes de pés descalços e se expressava sem pudor como a sua essência, roupas leves que davam ainda mais liberdade aos movimentos.

Figura 3 - Isadora Duncan, 1921.



Fonte: Disponível em: <<https://dantebea.com/category/danse-2/isadora-duncan-danse/>>.

E foi a partir da ousadia de Isadora Duncan, dançava peças de Chopin e Brahms. O balé passou por um grande período de influência em todo o mundo da dança. Nomes como de Martha Graham são muito importantes para o nascimento da dança moderna. Graham “[...] avessa como outros bailarinos e coreógrafos, pioneiros da dança moderna, á técnica do balé clássico, buscou primeiro o contato com o solo a aspiração da elevação.” (HASS, 2003, p.93). “A Dança moderna como todo movimento artístico inovador, também começou pela contestação, pela rejeição do rigor acadêmico do balé, simbolizando a revolta contra as suas convenções.” (HASS, 2003, p.101). “[...] uma reação contra a forma acadêmica e convencional do balé clássico; como necessidade de ser uma arte que promovesse e provocasse a

liberdade e a exploração total do corpo a partir de temas abstratos ou concretos [...].” (HASS, 2003, p.100).

Até hoje, o enriquecimento do ensino da dança vem através de métodos modernos, onde o corpo é usado como um todo, com inúmeras possibilidades são infinitas combinações de formas e movimentos, como meio de expressão e comunicação.

Afinal os estudos sobre a dança progrediram junto com os estudos sobre o corpo, e mostravam as infinidades de possibilidades de expressão a partir deste corpo, que agora passava a ser visto e compreendido como “corpo soma”, ou seja, como um corpo em contínuo processo de transformação e de ressignificação, sendo biológico, social, cultural, psicológico e físico, estando em constante estado de afetação a partir de suas relações e experiências. (SALVADOR, 2013, p.34).

A dança contemporânea é a vertente da dança moderna a partir de Isadora Duncan e toda sua irreverência e originalidade outros dançarinos também começaram a inovar e deixar um pouco de lado toda a técnica clássica que até então era dominante. “A dança contemporânea, no aspecto coreográfico, pode ser traduzida como dança que não se funde em regras, passos determinados, existentes, e técnicas pré-estabelecidas ou fixas.” (HASS, 2003, p.104).

A Dança contemporânea vem com a possibilidade de qualquer corpo poder dançar, como no ballet² clássico os corpos dos bailarinos eram formados e trabalhos fisicamente com rigidez, a dança contemporânea permite qualquer corpo a dançar, “[...] tendo como premissa a pesquisa e a investigação do movimento. Os artistas contemporâneos procuram diminuir o papel da dança como entretenimento, buscando a inter-relação do bailarino com o espectador, fazendo assim com que ambos pensem e reflitam.” (TADRA, 2012, p.35). É a partir da exploração dos movimentos, que as descobertas acontecem, é quando a capacidade criativa se aguça, pois, o objetivo principal é sempre a descoberta do novo, e expressar o máximo a intenção desejada.

Várias companhias de dança espalhadas pelo mundo já se dedicam inteiramente a dança contemporânea, em busca de toda a essência existente nessa vertente da dança. Um dos grandes exemplos brasileiros de companhias de dança

² Ballet: Caminada (1999, p.86) descreve o ballet (termo em Frances) como “entretenimento para a corte, mas também para mostrar a essa mesma corte e aos países estrangeiros a força da realeza e o poder econômico Frances.”

contemporânea é a Cia de Dança Debora Colker, [...] em 1994, subia à cena pela primeira vez no palco Teatro Municipal do Rio de Janeiro, um dos mais importantes do país. A grande explosão, no entanto, viria no ano seguinte com *Velox*, que em seis meses contabilizava 55 mil espectadores. (Cia de Dança Debora Colker, 2016³). (conforme destacado na figura 4).

Figura 4 - Cena de "Velox", da Cia. de Dança Deborah Colker



Fonte: Disponível em:

<<http://vivamaringa.odiario.com/arteespetaculos/2016/05/espetaculo-de-deborah-colker-que-impressionou-o-diretor-do-cirque-du-soleil-esta-em-cartaz-em-maringa/2160259/>>.

As modalidades de dança que existem hoje se enumeram em um leque com variadas opções e talvez por toda essa riqueza de possibilidades é que podemos encontrá-la em qualquer parte do mundo.

Também temos na história da dança vertentes como as danças de salão, “[...] teve origem na época das danças da corte, durante a Idade Média. Dança social: praticada normalmente por prazer, união, integração e socialização em bailes e reuniões dançantes.” (HASS, 2003, p.105). Nos dias de hoje a dança de salão está espalhada pelo mundo com as suas subdivisões, seguindo a cultura local e sua evolução enquanto dança. No Brasil temos o Samba, que é uma “[...] dança popular e gênero musical derivado de ritmos e melodias de raiz africana.” (HASS, 2003, p.115). Passos deslizante, com alegria do povo, realçando a malandragem do

³ Cia de Dança Debora Colker: Cia de dança contemporânea. Disponível em: <<http://www.ciadeborahcolker.com.br/#!a-companhia/c16r1>>.

homem e a feminilidade da mulher são elementos que também caracterizam o Samba.

Assim como as danças de salão também sofreram influência da cultura local em que estavam, a dança Jazz também sofreu inúmeras influências dando origem a muitos estilos que enriqueceram a dança enquanto manifestação corporal do homem. “Essa dança teve sua origem na cultura africana, em solo norte-americano, a partir da segunda metade do século XVII, quando chegaram os primeiros navios negreiros no Sul dos Estados Unidos.” (HASS, 2003, p.128).

Das danças que também nasceram de uma outra influência temos o Sapateado, “[...] as principais origens do sapateado estão nas danças folclóricas da Escócia, Inglaterra e Irlanda.” (HASS, 2003, p.131). A dança se caracteriza por movimentos basicamente com os pés usando sapatos com solas especiais que marcam o ritmo da música com precisão. O sapateado ganhou visibilidade quando começou a fazer parte dos shows da Broadway e em muitas aparições na TV, sendo consideradas umas das influências do jazz.

Das danças que nasceram de influência de outras danças, temos as Danças urbanas, “[...] que surgiram nos Estados Unidos por volta da década de 1970 nos subúrbios de Nova York e Chicago, onde era uma forma de expressão corporal e de diversão para as comunidades periféricas de cada região.” (SANTOS 2014. p.16). Das danças Urbanas temos o movimento Hip Hop. O movimento Hip hop nasceu a partir dos Dj’s da época, que com toda a irreverência e ousadia tiravam o melhor da música (os refrãos instrumentais), e repetiam as batidas usando dois toca discos, que para a época era novidade. Essa técnica de tirar o melhor da música e assim fazer uma batida contagiante ficou conhecido como Get Down⁴, e mais tarde como *break beat*⁵, dando origem ao *breaking dance*.

As vertentes dessas danças urbanas cresceram muito e se espalharam pelo mundo ganhando muita visibilidade principalmente na televisão e na internet. Hoje se aprende essas danças na rua e sim em academias de dança e grande parte em projetos sociais.

Hoje a dança está presente ao alcance de todos, das salas de aula em escolas de espaço informal especializada em danças de varias vertentes do ballet clássico (ainda dominante), as danças urbanas. Essas escolas que hoje não são as

⁴ Get Down: tradução: abaixe-se.

⁵ Break Beat: tradução: pausa na batida.

únicas a ensinarem a dança, pois também vimos que muitos projetos sociais também ganham espaço. Porém na escola básica a dança ainda é pouco vista.

3 A DANÇA NO CURRÍCULO DE ARTE

3.1 ARTE-EDUCAÇÃO

Durante toda a história o mundo da arte teve muita influência na difusão de conhecimento de todo um povo. “Assim no começo do século XX, somente desenho, trabalhos manuais, música e canto orfeônico eram considerados conteúdos artísticos das escolas de ensino básico.” (TADRA, 2012, p.41). A reprodução em massa de modelos e a forte atividade até então apenas técnica fazia com que a arte era vista apenas como entretenimento e lazer.

Durante o movimento Modernista, que ocorreu a partir de 1920, e que teve grande influência sobre a arte e durante a semana de Arte Moderna de 1922, que tinha, “a influência do expressionismo e valorizava a estética da arte infantil e a introdução de novos métodos de ensino de Arte, baseados no deixar fazer, explorando e valorizando o expressionismo e o espontaneísmo da criança.” (TADRA, 2012, p.41).

Com grande influência para a evolução da arte como um todo na educação formal temos o movimento Escola Nova, “[...] proposta pedagógica baseada na liberdade de expressão individualizada.” (TADRA, 2012, p.42). Como contribuição para o desenvolvimento de uma proposta pedagógica da arte, o movimento Escola Nova tinha a preocupação de compreender a arte como meio de crescimento da imaginação, e expansão da criatividade.

Até os anos de 1970, quem tinha habilidades artísticas ou professores de quaisquer áreas de conhecimento, poderiam ministrar as aulas de Artes Plásticas, Música e Desenho, pois até então não havia Formação para professores de Arte.

Com a necessidade de habilitação para o professor desta área, o professor se torna um polivalente, se tornando responsável por diversos conteúdos como música, desenho, artes plásticas e artes cênicas, a partir da Lei nº 5.692/1971 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN), foi regulamentada a formação do professor de Educação Artística.

Art. 7º Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto

no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969. (Vide Decreto nº 69.450, de 1971) .(LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971) ⁶.

Neste primeiro contato esta formação contava com apenas com dois anos. Pode se ter a ideia de como era esse professor, se ter o domínio de uma área de conhecimento já exige muito de uma profissional da educação imaginem ter conhecimento igual e amplo sobre várias áreas. Porém o que se via era uma imagem deturpada desta área ou de quem as ensinava.

Já em 1978 Ana Mae Barbosa apontava para a divisão entre o trabalho manual e o intelectual instaurado no país desde os primórdios da colonização como uma das causas do status secundário (as vezes inexistente) da arte no currículo escolar brasileiro. (MARQUES, 2012b, p. 20)

Foi a partir de 1980 que surgiu o movimento Arte-Educação e conseqüentemente, a Federação dos Arte-Educadores do Brasil (Faeb), com o intuito de repensar a Educação Artística quanto a formação do professor e enquanto área de conhecimento, que até então era mais que constantemente relacionada a apenas trabalhos manuais. “A dimensão fragilizada dessa pratica trouxe a necessidade de emergencial de discussões por parte dos professores de Arte sobre a situação desse ensino no Brasil.” (TADRA, 2012, p.42).

A Federação de Arte/Educadores do Brasil (FAEB) é uma associação civil, sem fins lucrativos, de duração indeterminada, democrática, que congrega entidades e associações nacionais, regionais, estaduais e núcleos municipais de arte/educação, bem como profissionais e estudantes da educação em Artes atuantes em instituições de diferentes níveis e modalidades. (FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL, 2015, s/p).

Propondo novas e significativas propostas em arte na escola esse movimento veio para impulsionar os educadores a questionarem o seu papel no meio escolar. “Através desses educadores quanto a importância do ensino da arte na escola regular, novas concepções e metodologias, são integradas a educação básica.” (TADRA, 2012, p.43).

Como “atividade educativa”, considerando a análise histórica a arte assim era considerada. Em 1996 a Lei nº 9.394/1996 foi publicada. “Art. 26, § 2º O ensino

⁶ Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm>.

da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” Com reformulação em 2010 para; “Art. 26 § 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (Redação dada pela Lei nº 12.287, de 2010)”⁷. Reconhecendo a Arte como disciplina escolar obrigatória nos diversos níveis de ensino.

A bandeira da arte como forma de conhecimento já é bastante conhecida e acenada pelos professores de Arte. Este argumento tem sido inclusive, um dos mais usados para convencer os meios escolares e políticos de que a arte deve ter um lugar próprio no currículo escolar com a mesma importância e carga horária que as demais áreas de conhecimento. (MARQUES, 2012b, p.27).

Publicada em 2 de maio de 2016 a Lei de número 13.278, torna obrigatória na escola o ensino de artes visuais, a dança, a música e o teatro. “§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.”⁸

Porem com as novas políticas principalmente a respeito da Medida provisória de número 746 de 2016⁹, que prevê a extinção das aulas de Artes do ensino médio, caminha-se antagonicamente ao que já se entendia quanto à importância da Arte na educação, tornando ainda mais emergencial essa discussão, e colocando a questão novamente em situação polêmica.

3.2 DISCIPLINA DE ARTE E FORMAÇÃO DOCENTE

Em 1997, para então dar sustentabilidade teórico-prático a vivência das áreas artísticas (artes visuais, música, dança e teatro), o Ministério da Educação consubstanciou os Parâmetros curriculares Nacionais (PCN), “[...] caracteriza-se como um instrumento de aprofundamento na prática educativa dessas áreas de conhecimento, desde as discussões pedagógicas, projetos e práticas educacionais, até o planejamento de aulas e análise do material didático.” (TADRA, 2012, p.43).

⁷ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>.

⁸ Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm>.

⁹ Medida provisória nº 746 de 2016. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm>.

Segundo Tadra (2012), o ensino de arte prosseguiu encontrando dificuldades, no que se refere aos conceitos e metodologias. Em muitos casos porque não consegue achar uma equivalência de aplicação das áreas artísticas.

O grande problema enfrentado pela dança e pelas outras linguagens consiste na predominância ainda do ensino das artes visuais. O paradigma do ensino de arte vinculado as artes visuais vem se mantendo há bastante tempo no ensino, e o próprio termo *arte* vincula-se frequentemente ao universo do desenho, da pintura, da escultura etc. (STRAZZACAPPA; MORANDI, 2006, p.78).

Essa pratica de polivalência ainda é praticada, levando em consideração professores não habilitados ministrando essa disciplina. Alguns abrangendo as linguagens da arte inclusive a dança ou não. “Tendo como pressuposto a formação artística e estética, a dança entra na escola, pelo viés das aulas extracurriculares as quais na maioria das vezes são trabalhadas apenas técnicas de dança, direcionadas para apresentações em datas comemorativas da escola.” (TADRA, 2012, p.45).

A dança é uma linguagem artística com conteúdo específico incluída nos PCN de arte. Enquanto linguagem da arte a dança subentende do professor uma formação mais diretiva às especificidades da arte. Por muitas vezes a dança no ambiente escolar está restritamente ligada as aulas de Educação Física.

Embora as diretrizes situem a dança como uma das linguagens do ensino de arte nas escolas, ela e apresentada ora como complemento das aulas de música- sobretudo quando se estudam as manifestações populares -, ora como conteúdo da educação física, presente nas comemorações cívicas do calendário escolar. (STRAZZACAPPA; MORANDI, 2006, p.16).

Como disciplina, muitas vezes a Educação Física assume a dança como parte de seus componentes de maneira isolada, que esta prevista no PCN sendo tratada como atividades rítmicas e expressivas sem contextualização. O PCN prevê dança e atividade rítmica para a disciplina de Educação Física , porem entendesse essa dança enquanto linguagem, como cultura corporal do homem, já a atividade rítmica como processos coreográficos isolados, que não são dança.

As pesquisas apontam que o estudo mais denso versa sobre as manifestações culturais corporais, na qual o caráter da dança também pode se apresentar. Ou seja, há um impasse subjetivo nessas diretrizes que trazem a necessidade de explorar essa área de conhecimento, mas sem enfatizar a sua origem tal qual Marques (2007) bem determina, como a Arte.

Por esse motivo, de acordo com os documentos que norteiam as aulas de educação física, a dança enquanto linguagem nas aulas leva a necessidade da qual Marques (2007) cita de “artista/docente”, expressa nesse trecho:

O enfoque aqui priorizado é complementar ao utilizado pelo bloco de conteúdo “Dança”, que faz parte do documento de Arte. O professor encontrará, naquele documento, mais subsídios para desenvolver um trabalho de dança, no que tange aos aspectos criativos e à concepção da dança como linguagem artística. (BRASIL, 1997, p.39).

Há certa dificuldade em situar essas competências e responsabilidades quando se confrontam os documentos que direcionam os currículos dessas áreas, abrindo diversas discussões, que tem como pano de fundo, o lugar da dança e seus desdobramentos artísticos – culturais.

Contudo, [...] “o que se observa é que, na grande maioria das escolas brasileiras, os conteúdos programáticos na área de Arte se restringem as Artes Plásticas”. (OLIVEIRA, 2008, p.80). Porém com a lei 13.278 que torna obrigatória na escola o ensino de artes visuais, a dança, a música e o teatro, esse plano tende a ter grandes avanços. “À distância que existe entre aquilo que é proposto e aquilo que efetivamente é praticado nas escolas tem por muitas décadas caracterizadas a história da educação brasileira.” (MARQUES, 2012b, p.70).

[...] uma proposta que oficialmente assume a importância da arte (e da dança) na educação não deve ser tomada como uma proposta utópica, mas sim como um movimento importante na direção da formação de uma nova mentalidade e, portanto, de práticas futuras.” (MARQUES, 2012b, p.70).

Essas práticas da dança nos últimos tempos acabaram ganhando maior espaço na escola. Nos últimos anos a preocupação de educadores e legisladores no Brasil em ao menos citar a dança em seus projetos tem sido evidente.

Porem existe muitas discussões sobre o preconceito a respeito dos profissionais da dança quando o assunto são os professores teóricos (atuam em universidade, pesquisadores da área) e os práticos (professores de dança, técnica).

Como dançarinos frequentemente somos acusados de não sabermos pensar, argumentar ou fundamentar nossa produção artística; o resultado disto é que nossa pratica é negligenciada em favor de uma justificativa mais “acadêmica”, por outro lado, muitos dançarinos e coreógrafos suspeitam de qualquer um que esteja no campo das artes e tenha a intenção de escrever, de pesquisar. (MARQUES, 2012b, p.71).

Tradicionalmente se pensava em prática e teoria totalmente dissociados, quando a prática raramente se caracterizava como conhecimento. Hoje sabemos que um depende do outro e os dois caminham juntos. Porém as disputas de quem seria à responsabilidade de atuar com dança na escola ainda é grande, ou de que profissional de fato estaria preparado para a dança na escola, quando falamos em professores de Arte de Educação física ou até pedagogos. Marques (2012b, p.108) questiona, “[...] o professor que não teve qualquer experiência artística na área de dança teria referências corporais e estéticas para incentivar, provocar, motivar, e ensinar os alunos a dançar?”.

Invertendo a situação, raramente vemos professores trabalhando com dança na escola formal que não tem formação acadêmica, porém tem encheido a sua bagagem de experiências corporais em dança. E os professores que tem a oportunidade de estarem na escola formal e trabalharem com a dança, como tem alimentado a sua bagagem? O que conhecem de dança? Com que frequência fazem cursos de dança ou são expectadores de espetáculos de dança?

A grande maioria dos professores conhecem os documentos que citam a dança na escola ou já ouviram falar. Além da dança em documentos que norteiam a educação o professor (brasileiro) hoje acredita que o saber dançar o faz um professor de dança, quando sabemos que “o estudo, a compreensão da dança - corporal e intelectualmente - vão muito além do ato de dançar.” (MARQUES, 2012b, p.21).

Se por um lado o fato de o Brasil ser um país onde a dança é de domínio público torna-o um país democrático, peculiar, vibrante e corporal, por outro, tem excluído a possibilidade de estudarmos a dança com a maior profundidade, amplitude e clareza no ambiente escolar. Ou seja, o fato de o Brasil ser um país “dançante” tem também alijado a dança da escola. (MARQUES, 2012b, p.21).

É neste mesmo Brasil que diz que em cada brasileiro a um ser dançante e por consequência, erroneamente, um profissional da dança. “O Brasil que se gaba de exportar talentos, por outro lado, deveria se envergonhar com a produção limitada de pesquisadores e pensadores.” (STRAZZACAPPA; MORANDI, 2016, p.16).

Se pensarmos que a dança é um conjunto de regras e normas, ou apenas coreografias de repertórios midiáticos prontos, ou até mesmo somente as danças

populares, o professor com formação superior seria até mesmo dispensável. Porque bastaria ter um manual de “como fazer”. Sendo que a dança vai muito além do que o simples fato de dançar, ou “dançar bem”. Como se “em cada brasileiro parece existir um professor de dança em potencial, por direito cultural adquirido”. (MARQUES, 2012b, p.21). “Independente do campo minado que, infelizmente, vem se formando ao longo dos anos entre profissionais que se consideram habilitados a ensinar dança [...]” (MARQUES, 2012b, p.18). É essa dança que está em todos os lugares dos festivais renomados a palcos improvisados na escola. Do ballet clássico as danças urbanas nos projetos sociais, das ruas aos teatros. “[...] Portanto não basta ser artista para ser professor.” (MARQUES, 2007, p.58).

A falta de conhecimento dos professores em relação à dança é o principal fator do que vemos hoje na escola. “A formação de professores que atuam na área da dança é, sem dúvida, um dos pontos mais críticos no que diz respeito ao ensino dessa arte em nosso sistema escolar.” (MARQUES, 2012b, p.25). Hoje os professores que geralmente atuam com dança na escola são formados em Artes, Pedagogia e Educação Física, mesmo com o grande número de cursos superiores em licenciatura em dança esses profissionais acabam estando em pouco número nas escolas pois esbarram em questões burocráticas/legais ou até mesmo preconceituosas pelas escolas. Neste período em que não temos de fato profissionais com formação em dança na escola, a opção seria que os professores que tem na sua prática a dança buscasse constante aperfeiçoamento na área. Não apenas fazer de uso da dança como instrumento pedagógico para outras finalidades, mas o conhecimento prático-teórico que faz pensar a dança como o fazer artístico.

A dissociação entre o artístico e o educativo, que geralmente é enfatizada na formação dos profissionais nos cursos de Licenciatura e Pedagogia, tem comprometido de maneira substancial o desenvolvimento do processo criativo e crítico que poderia estar ocorrendo na educação infantil e fundamental. (MARQUES, 2012b, p.25).

Segundo Marques (2012b) as publicações hoje no Brasil ainda são pequenas, algumas editoras alegam “falta de mercado”, e as que estão no mercado são traduções que pouco vem à dança com aspectos estéticos e artísticos, e sim com um olhar romântico e muitas vezes considerando a dança somente como um meio ou recurso. Exatamente como vemos na escola hoje. Parte da

responsabilidade do que vemos na práxis dos professores hoje esta na sua formação, tanto professores formados em Pedagogia, Educação Física e Arte “vem trabalhando com dança nas escolas, sem que tenham sido realmente preparados para isto.” (MARQUES, 2007, p.54).

Destaco a o quão necessário e urgente de mais formações universitárias específicas em dança. Sem esquecer os professores que antes da universidade tiveram sua formação em escolas de dança, onde geralmente não a preocupação com os processos criativos individuais e sim uma preocupação apenas em alcançar corpos com grandes possibilidades técnicas. (GUALDA; SADALLA, 2008). Esses professores que ao decidirem em estudar em um curso superior de dança encontraram no Brasil cerca de 15 cursos superior de dança sendo que mais da metade oferecem cursos de dança licenciatura. (STRAZZACAPPA; MORANDI, 2006), porem em Santa Catarina ainda não temos cursos específicos de dança nem bacharel ou licenciatura, apenas cursos profissionalizantes ou escolas de dança informais. O que levam muitos a ingressarem a cursos como Educação Física ou Artes. Alunos que chegam a esses cursos na universidade com uma bagagem de dança excepcionalmente técnica.

Encontramos também espaços como festivais e congressos de dança que abrem espaço para o aperfeiçoamento de professores que atuam em espaço formal ou não, porem na sua grande maioria estes eventos dão mais espaço a aulas técnicas que pouco tem dado lugar para a pesquisa científica. (STRAZZACAPPA; MORANDI, 2006). Percebe-se uma educação em dança que ainda tem muito a desenvolver e entender a dança como um todo.

3.3 RELAÇÕES ENTRE DANÇA E ARTES VISUAIS

Compreendendo a dança como linguagem artística, como sendo um meio de expressão para a vida que lê e pronuncia o mundo e tem as suas especificidades. A ideia de linguagem, segundo Oliveira (2008) é que de acordo com a semiótica discursiva, não se restringe ao texto verbal. Podendo um balé, uma escultura, uma música ser um texto, e texto sendo uma unidade de análise.

Tendo em vista que as especificidades da dança dialogam com a sua própria linguagem da dança e as outras linguagens artísticas como Teatro, música e as artes visuais. Relacionando a linguagem do teatro e da dança temos a

dramatização¹⁰, que esta presente em ambos. Para Salvador (2013), o limite entre teatro e a dança se torna cada vez mais tênue e, muitas vezes, um se confunde, mistura se e, ate mesmo, se agrega ao outro de maneira a afetar significavelmente a estética de ambos. Como para Laban (1978) que via uma totalidade e ligação na arte do movimento, onde um depende do outro como na cena, a expressão corporal, o falar, a dança e a musica.

Também as relações entre a linguagem das artes visuais¹¹ que tantas vezes também já fizeram do uso do movimento enquanto dança para as suas obras conforme destacado na figura 5).

Figura 5 - The Star - Edgar Degas, 1878



Fonte: Disponível em: <<http://www.wikiart.org/en/edgar-degas/the-star-dancer-on-stage>>.

¹⁰ Dramatização: Uma dramatização é, em geral, uma representação de uma determinada situação ou de um facto. O dramático está associado ao drama, o qual, por sua vez, está associado ao teatro, pelo que uma dramatização pode ser tanto trágica como cómica. Disponível em: <<http://conceito.de/dramatizacao>>.

¹¹ As artes visuais, além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial), incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade (fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997, 130p.

Há confluências entre as linguagens ligando-as ao mesmo ponto, a arte.

A dança enquanto linguagem da arte e as artes visuais tem as suas relações. Observando um espetáculo de dança ou apenas uma coreografia como um todo, ou até mesmo apenas um corpo que dança no espaço, o seu conjunto também é visual. O figurino, a música, a imagem que a dança passa ao espectador é arte visual.

Como no espetáculo de Deborah Colker, 4 POR 4¹² no ano de 2002 (destacado na figura 6), onde percebe a integração das artes plásticas no espetáculo sustentando essa narrativa do início ao fim da obra. A partir da necessidade de somar a colaboração de outros artistas a seu estudo do movimento o espetáculo foi criado. O impacto causado por diferentes exposições visitadas por ela entre 1998 e 2000 fez com que essas experiências se tornassem objeto de desejo e tema para o processo investigativo. Não apenas esse trabalho de Deborah Colker, que faz ligação direta as artes plásticas, mas também outros trabalhos como “Casa” e o mais recente “Vero” são exemplos de como a dança relaciona com as artes visuais. Como ela mesma diz o que é a dança se não imagem em movimento?

Figura 6 - 4POR4 - Deborah Colker, 2002.



Fonte: Disponível em: <http://www.ciadeborahcolker.com.br/galeria-4por4>

¹² Disponível em : trecho do espetáculo 4 POR 4 <https://www.youtube.com/watch?v=uTLLoZ2awz8>

O espaço que cerca o bailarino torna-se sua tela. Ele pode desenhar nela e defini-la de muitas maneiras. O espaço inteiro do seu corpo lhe permite dar textura e qualidade à movimentação. [...] a maneira que ele modela seu corpo tem a extensão e a liberdade empregadas pelo escultor. (LOUIS, 1992 apud MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p.66).

Pois fazendo uma ligação com os códigos da linguagem visual, vemos que o corpo que dança em movimento pelo espaço, desenha seu “rastro” como acima citado por Louis, como se fosse um pincel na tela, estes mesmo traços e porque não as cores também presentes no figurino e na cena (iluminação cênica).

Quando vemos a dança, ela se torna visual.

As Artes Visuais oferecem um riquíssimo potencial de observação, de recriação em dança ao estudarmos na área de dança o corpo em partes/todo, por exemplo. Porque não selecionar várias pinturas de artistas conhecidos em que o corpo humano é retratado? Picasso (destacado na figura 6), costuma “fragmentar” os corpos, já Matisse pinta muitos “corpos inteiros”. Não raramente, Salvador Dali desconfigura corpos em sua totalidade. Magritte, em muitas de suas pinturas, pinta somente “partes do corpo”. (MARQUES, 2012a, p.98).

Figura 7 - Maya With Her Doll - Pablo Picasso, 1938



Fonte: Disponível em: <<https://www.wikiart.org/en/pablo-picasso/portrait-of-maya-with-her-doll-1938>>.

Essas relações entre dança e arte visual se mesclam ao passar da história, assim como artistas visuais influenciaram a dança. A dança também influenciou a arte visual. Com a contemporaneidade as linguagens das artes se encontram nas suas próprias especificidades.

A linguagem cênica e híbrida, ou sincrética, ou miscigenada. Do mesmo modo que as manifestações contemporâneas das artes visuais onde estão presentes, por exemplo, movimento no espaço tridimensional, sons, as vezes odores e até sabores, a “linguagem” cênica é, por natureza híbrida, ou seja, com posta por diversas outras “linguagens”. (OLIVEIRA, 2008, p.91).

Percebe-se que o autor traz as relações entre as artes na contemporaneidade, justificando que podemos ver que um trabalho de arte pode mesclar várias linguagens artísticas ficando até mesmo difícil estabelecer uma única linguagem para o mesmo.

4 A DANÇA ENQUANTO LINGUAGEM: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DE ENSINO

4.1 ENTÃO, DANÇA É ÁREA DE CONHECIMENTO?

Pensando que a Arte só se torna área de conhecimento no momento em que é criação, segundo Tadra (2012), a dança, assim como ocorre em outras linguagens artísticas, não almeja a compreensão dos seus objetivos de maneira unilateral, linear, isto é, seus conceitos não são vislumbrados de modo único, não havendo assim questões absolutas. Por outro lado, a dança tem o desafio de comunicar, investigar, construir saberes através dos processos da mesma.

“Ressaltamos a comunicação como elemento principal da criação artística. Fazem parte do conhecimento artístico, ou seja, da comunicação artística, a produção e a fruição.” (TADRA, 2012, p.47). Segundo Marques (2012b, p.35) “mesmo que estas experiências (os processos de criação) não estejam “acabados”, estes também podem ser arte. Assim sendo processos de aprendizagem ricos da mesma forma em conhecimento por meio da dança.”

Uma das grandes contribuições para ciência da dança que legitimou sua área de conhecimento foram os estudos de Rudolf Laban. Realizou pesquisas sobre o movimento e suas qualidades expressivas, sempre apontando para possibilidades de inserir na educação formal. (SALVADOR, 2013).

Laban denominou como Coreologia esse estudo do movimento. Coreologia é a linguagem do movimento escrita, uma espécie de gramática do movimento que até hoje é muito utilizada nas artes do movimento como teatro, performance e dança. (MOTA, 2012).

Quando a dança tem a intenção de expressão de ideia, a criação (coreografia) é extremamente intimista, essa intenção de expressão da ideia é a manifestação artística e quando está no campo para ser então coletiva, essa criação em dança deixa de ser intimista para ser coletiva e a partir de então manter relações com o público.

Para que a dança seja apreciada, passamos pela fruição da obra, que é o momento onde o artista (coreógrafo, bailarino) se une por meio da percepção e raciocínio que a obra coreográfica desperta. Nesse momento, o fenômeno artístico atinge o fenômeno educacional, ao produzir significado no fazer artístico. (TADRA, 2012, p.47).

Entendendo o que fazemos e pensando e criando a partir de, estamos alcançando a aprendizagem em dança, e percebendo o seu papel na educação. Neste momento os alunos percebem as relações em dança e reconhecem a como conhecimento específico “[...] e sua conseqüente ligação com os conteúdos das outras áreas do currículo, relacionando ensino, dança e sociedade.” (TADRA, 2012, p.48).

Para que se possa compreender e desfrutar estética e artisticamente a dança, portanto, é necessário que nossos corpos estejam engajados de forma integrada com o seu fazer-pensar. Essa é uma das grandes contribuições da dança para a educação do ser humano - educar corpos que sejam capazes de criar pensamento e ressignificar o mundo em forma de arte. (MARQUES, 2012b, p.27).

Este fazer-pensar vem de encontro com o conhecimento de corpo. Segundo Tadra (2012), começamos a tratar da prática de dança, propondo que o professor ouça o que seus alunos têm a dizer sobre seus corpos e que entendem a de dança, adequando, dessa maneira, as variadas realidades a que nos inserimos.

“Conversar também é dançar[...], pois o [...]movimento assim é somente um dos elementos do fazer-pensar dança enquanto arte.” (MARQUES, 2012b, p.31).

Para alguns a dança se resume a movimento o que acima Marques (2012b) diz que é apenas um dos elementos que faz a dança. A dança tem seus conteúdos específicos o que é de desconhecimento de muitos.

Em suma, os conteúdos específicos da dança são: aspectos e componentes do aprendizado do movimento (aspecto da Coreologia e Educação Somática); áreas de conhecimento que contextualizem a dança (história, Estética, Apreciação e Crítica, Sociologia, Antropologia, Música, assim como saberes de anatomia, fisiologia e cinesiologia) e possibilidades de vivenciar a dança em si (repertórios, improvisações e composição coreográfica). (MARQUES, 2012b, p.34).

Porém ainda existem muitas perguntas sobre essa linguagem na escola, “[...] em que área de conhecimento a dança seria ensinada? Arte? Educação física? Será que estaria na hora de pensarmos em uma carga horária exclusiva dedicada a dança?” (MARQUES, 2012b, p.18).

Essas são apenas algumas questões que rodeiam o assunto quando ele é dança na escola.

4.2 POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DE ENSINO: LINGUAGEM DA DANÇA

Vivemos no mundo contemporâneo onde vemos várias danças em todos os lugares e de todos os jeitos. Do ballet clássico das academias até as danças de auditórios de TV. E é a partir disto que questiono. Que dança é essa?

Olhando para o que vemos sobre a dança hoje aos repertórios midiáticos invadindo nossas casas, seja pela televisão ou pela internet, ou pela dança enquanto arte, ou ainda falando sobre essa influência da mídia sobre os tipos de aulas de dança que encontramos hoje.

Há ainda “aulas de dança”, assim intituladas simplesmente, que reproduzem modismos da televisão e que são oferecidas por crianças desprovidas de senso crítico a respeito do que consomem e do que reproduzem. É quase impossível evitar a interferência da mídia na escola, mas isso, que fica evidente na hora do recreio ou no intervalo das aulas, não poderia acontecer como proposta de ensino de dança. (STRAZZACAPPA; MORANDI, 2006, p.20).

A mídia mesmo com o seu poder de influencia sobre vários aspectos, aqui a dança, esta mais do que nunca se aproximando do ambiente escolar e não somente nos momentos de descontração dos alunos onde eles mesmos levam suas musicas e suas danças que aprenderam na internet ou TV, porem essa influencia esta quebrando essas barreiras da informalidade e esta invadindo as aulas e a escola de maneira geral. Deixando claro o papel da escola quando falamos em dança. Pois segundo Marques (2012b, p.34), “a escola estaria mais engajada com as danças criadas com finalidade e intenções artísticas, já que os outros tipos de dança estão bem mais acessíveis aos alunos no meio em que vivem.”

É nesta perspectiva que vemos o mundo totalmente tecnológico e que tem fácil acesso a informação e porque não conhecimento. Para Barbosa (2003, p.118), “imaginar as possibilidades artísticas via tecnologias contemporâneas é, também, estar presente no próprio tempo em que vivemos.” Não negligenciando as possibilidades positivas que as tecnologias e porque não até a mídia também já influenciaram positivamente o ensino de arte informalmente. Levando em conta que nossos alunos não mais aprendem somente por meio das palavras ou ate mesmo somente na sala de aula.

Essa sociedade tecnológica e atenta às novidades mais que rapidamente também olha para a educação que por muito tempo omitiu o corpo, a arte e, a

dança. Para Marques (2012b, p.20) “nossa escola formal fundada em valores que há séculos tem valorizado o conhecimento analítico, descritivo e linear em detrimento do conhecimento sintético, sistêmico, corporal, intuitivo.”

Essa escola formal que habituada as certezas de normas e regras a serem seguidas, e que a muitos anos vem de certa forma dando “certo”, ainda tem medo da dança, a transformação e a criatividade, que por sua vez são tão indefinidos e imprevisíveis, de certa forma amedrontam os que estudaram por moldes tradicionais e conservadores. (MARQUES, 2012b).

A dança que hoje está na escola, ou pelo menos deveria estar, ou quando “finalmente é oferecida no ambiente escolar como uma atividade em si, aparece como disciplina optativa de caráter extracurricular.” (STRAZZACAPPA; MORANDI, 2016, p.16). Muitas questões rodeiam este assunto. Mas partimos do parâmetro em que situação se encontra a dança hoje.

Ainda que passe anos, nos dias de hoje o que encontramos é a dança na escola apenas para cumprir as festividades ou o calendário de datas comemorativas da escola, ou ainda para “ilustrar”, “enfeitar” eventos com caráter não cultural ou artístico.

A escola formal não é e talvez não deva ser, “o único lugar para se aprender dança com qualidade, profundidade, compromisso, amplitude e responsabilidade”. No entanto, a escola é hoje, sem dúvida, um lugar privilegiado para que isto aconteça e, enquanto ela existir, a dança não poderá continuar mais sendo sinônimo de “festinhas de fim de ano”. (MARQUES, 2012b, p.19).

A dança que está na escola muitas vezes, atrelada a cumprir o calendário festivo da escola, na maioria das vezes está ligada a reprodução de repertórios prontos. Como as famosas quadrilhas juninas, com hoje as suas variações como “quadrilhas malucas”¹³. Esse repertório pronto se encaixa perfeitamente nos modelos tradicionais que encontramos. Resultando num pensamento em que “nossas escolas permanecem advogando por um ensino garantido, (sabemos onde vamos chegar), conhecido, (já temos experiências de muitos anos na área), determinados e pré-planejados (não haverá surpresas).” (MARQUES, 2012b, p.21). Negligenciando todo o poder de criação que a dança tem na escola.

¹³ Se refere as quadrilhas juninas que fazem do uso de varias musicas que tradicionalmente não fazem parte da tradição junina.

No Brasil, a maioria dos professores de Arte, assim como os professores de dança em academias, estão principalmente preocupados com o fazer dança, de forma mais ou menos “criativa” ou “coreológica”. Como consequência, nos últimos anos temos assistido a um processo de ensino de arte e de dança em algumas escolas brasileiras que estão sendo privadas dos elementos estéticos e artísticos da arte. (MARQUES, 2012b, p.79)

Também percebo essa mesma realidade nos palcos de competição de dança onde estamos vendo coreografias “vazias” de arte.

A ideia de que dançar se aprende dançando é, na verdade, uma postura ingênua (no sentido freiriano) em relação aos tantos significados que podemos dar a dança. (MARQUES, 2012b). Uma postura crítica em relação ao ensino de dança engloba conteúdos bem mais amplos e complexos do que a memorização de uma coreografia.

Muitos se perguntam que dança devemos ensinar? Segundo Marques(2012a), olhar para o aluno é o primeiro passo. Os alunos já têm suas próprias escolhas pessoais de repertórios e de gostos, ou trabalhadas em sala de aula ou pela sociedade, induzida midiaticamente ou não. E são esses contextos que dão elementos para a escolha dos conteúdos. Para Gualda e Sadalla (2008, p.213) “o conteúdo centrado na realidade e no contexto dos alunos deve ser transformado pelo professor de forma consciente e problematizadora [...]”, desta forma o aluno entendera a dança como um desenvolvimento de conhecimento individual, coletivo e social no qual todos podem produzir saberes.

O professor, engajado aos contextos dos alunos, se torna um propositor, e, principalmente, um articulador, um interlocutor entre estes contextos e o conhecimento em dança a ser desenvolvido na escola. Ou seja, conectado ao universo sociopolítico-cultural dos alunos[...]. (MARQUES, 2012b, p.36).

O professor também é responsável em fazer as relações entre a dança que os alunos já conhecem seus conhecimentos como funk, danças urbanas, capoeira, e relacioná-los com um conhecimento mais profundo dos mesmos. Para Marques (2012b) o professor pode se tornar o tema gerador de uma narrativa para a aula. O professor propositor. Que aguça o fazer pensar em dança.

Para alguns professores a dança na escola é sinônimo de acalmar as crianças e para alguns diretores para conter a agressividade. Ainda segundo Marques (2012a) ainda alguns trabalhos que o único e exclusivo objetivo da dança na escola é para trabalhar a coordenação motora. A escola pode, sim, fornecer

indicadores para organização consciente e eficaz dos conteúdos específicos da dança. Porém não significa que a dança não possa envolver o sentimento ou emoções. Pois o “[...] fazer sentir dança enquanto arte nos permite um tipo diferenciado de percepção discriminação e crítica da dança, de suas relações conosco mesmos e com o mundo.” (MARQUES, 2012b, p.27). Como arte a dança está ligada ao sentimento cognitivo e não apenas ao afetivo. É nesse momento em que a dança na escola se diferencia de uma festa ou simples diversão dançante, é quando temos a forma artística e estética da dança. Lembrando que o corpo que dança também é o corpo que sente pois não podemos separar corpo e mente.

Para Marques (2012b) ao contrário do que nos dita o senso comum, as aulas de dança podem ser verdadeiras prisões dos sentidos. Quando observamos que a dança acaba se resumindo a repertórios prontos e brutalmente rígidos e “treinados”, com sequencias repetidamente exaustivas, e muitas vezes para o exclusivo objetivo de apresentações de fim de ano. Tornando desgostosa a pratica da dança na escola e afastando muitos alunos dessa aula.

As aulas de dança podem se tornar um verdadeiro campo de concentração para aqueles que não atendem as expectativas (mesmo que inconsciente) dos professores de dança em relação ao corpo “apto” para esta área do conhecimento. O reverso da moeda, no entanto, pode ser trabalhado nas aulas de dança: uma visão crítica, experimentada e vivida sobre/no corpo em sociedade e suas relações com a moda, a mídia, a medicina. (MARQUES, 2012b, p.30).

Estes espaços em que a dança na escola acaba se tornando campo de concentração como disse Marques (2012b) me lembra muito como muitas vezes já fui coreografada na escola. Geralmente em grande grupo, a professora nos trazia a coreografia pronta onde deveríamos apenas copiar. Exatamente assim, sem pensar. Apenas reproduzir. Essa maneira de composição coreográfica em alguns momentos é desrespeitosa como disse Marques (2012b, p.54), “processos bastante autoritários e desrespeitosos para com os interpretes.”

Pensando na escola esses interpretes são nossos alunos que por muitas vezes tem sem primeiro contato com a dança enquanto arte na escola. Para esses tem de ter o encantamento, eles têm de se sentirem partes da criação.

Como alguns coreógrafos contemporâneos já fazem, “abrem-se possibilidades para que o elenco crie movimentos no tempo e no espaço que são

“editados” (coreografados) pelo olho de fora, ou seja, pelo diretor.” (MARQUES, 2012b, p.54).

Porem apesar de toda a educação estar caminhando pela importância da dança na escola ainda se fala em pré-conceito. Hoje parece repetitivo e até cansativo, muito se fala do pré-conceito racial, mas dança também tem pré-conceito, muito a respeito da sala natureza. “Isso é motivo, inclusive, para que muitos professores deem outros nomes as atividades de dança [...] essas denominações mascaram intenções[...].” (MARQUES, 2012b, p.22), porem, permitem que mais alunos tenha acesso a dança na escola.

Em virtude do pré-conceito de gênero onde grande parte dos pais de alunos e alunos (gênero masculino), acreditam que dança é coisa de mulher, muitos não frequentam as aulas de dança. A não ser, segundo Marques (2012b, p.23), “quando essas danças estão ligadas a um tipo de virilidade masculina, como capoeira dança de salão ou até as danças urbanas como hip hop.”

Ainda receosos ao corpo que dança as questões religiosas também são muito presentes na nossa sociedade atual em que muito ainda vem o corpo como pecaminoso. “[...] Embora não se aceite mais o preconceito em relação ao diálogo com o corpo e a arte, as gerações que não tiveram dança na escola muitas vezes não conseguem entender seu significado [...]” (MARQUES, 2012b, p.23). Porem sabemos que o corpo é entendido de varias maneiras, de acordo com aspectos sociais e culturais de diferentes povos. (SALVADOR, 2013).

Pensar no hoje olhando para o ontem, esse aluno que não teve relação com dança na escola ou talvez em nenhum outro lugar e tem esses pensamentos preconceituosos enraizados do no seu pensamento sobre a dança. Mudar o hoje para que no futuro não vejamos mais esse tipo de preconceito.

Ainda sobre os nomes que se a dão a dança na escola e que são muito famosos são a “expressão corporal” e a “dança criativa”, fundadas pelas concepções de dança de Duncan segundo Marques (2012b), essas são ditas como livres e espontâneas, porem até que ponto essa espontaneidade é dança. Em uma experiência vivida por Marques, onde também me identifico, teve experiência dessa dança livre e espontânea que apenas sentiu que o verdadeiro objetivo era apenas se desprender com conceitos de balé clássico. Mas que já sentira a necessidade de conectar aquela dança a sua realidade social e cultural.

Ainda outro é a relação do artista e da sociedade que a tempo acredita que a arte está ligada a “loucura ou pessoas fora do mundo.” (MARQUES, 2012b, p.24).

Segundo Marques (2012b), uma dança que não se encaixa nos parâmetros codificados como o do balé ou uma dança popular, para alguns é bagunça. Ou até mesmo ligado ao inconsciente, como se todos os segredos seriam despidos quando dançasse sem ser codificado. Como se a dança só fosse permitida na escola se ela for bale. “É surpreendentemente, por exemplo, que mesmo no mundo da escola formal, a dança tem sido associada por jovens e professores ao balé clássico, ainda que muitos nunca tenham assistido a um espetáculo desses na vida.” (MARQUES, 2007, p.69). Salvador (2013) cita que para muitos a verdadeira dança é o *ballet*, o que se caracteriza como espetacular.

Ainda quando a dança conseguiu estar presente na escola temos as barreiras logísticas, como salas sem infraestrutura para a dança, ou ainda escolas “que não permitem que professores movam as carteiras das salas de aula para uma atividade de dança.” (MARQUES, 2012b, p.108). Para Marques (2012b) o professor que ensina a dança na escola ainda é um solitário.

4.3 EDUCAÇÃO INFANTIL: A INFÂNCIA E A DANÇA

Quando vemos as crianças se movendo ao som de alguma música, logo reconhecemos como dança. E se não houver música? Não é dança?

Uma criança maior, em atividade escolar, ao se mover “livremente” a partir das articulações do corpo, ao som de uma música instrumental (não convencional para dança), provavelmente não dirá que está dançando, e sim que está brincando. O mesmo dirá, provavelmente, a diretora da escola, caso não identifique na movimentação das crianças um conjunto de passos sequenciados: ela dirá que os alunos estão se mexendo, mas não dançando. Poderá ela, inclusive, na ausência da música, achar que as crianças estão fazendo bagunça! (MARQUES, 2012a, p.15).

Quando pensamos dança logo vem à cabeça um grupo de pessoas fazendo a mesma sequência coreográfica, mas será que dança é apenas passos sequenciados. Será que não podemos brincar e dançar ao mesmo tempo? Percebemos nas escolas hoje que as apresentações em dança estão em praticamente todas as festividades escolares. Do dia das mães a festa junina. E se a

criança não dança como os colegas? Os pais ficaram insatisfeitos? Ou a professora não fez um bom trabalho? São questionamentos que estão na escola principalmente na educação infantil.

A concepção de infância como um período no qual o indivíduo criança pode ser autor do seu processo de desenvolvimento.

[...] tenho defendido uma concepção que reconhece o que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação -, mas entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a compreender as crianças, mas também a ver o mundo do ponto de vista da criança. Pode nos ajudar a aprender com elas. (KRAMER, 2007)

Elas têm voz e vez e seu imaginário deve ser nutrido. Portanto, para dançar é preciso nutrir a consciência das crianças para que possam representar. Segundo Sarmiento (2008) a criança se desenvolve no inventivo e imagético se apropriando de tudo o que vê, ouve, experimenta e que a rodeia.

Para Marques (2012a, p.17) a dança na escola pode ser dividida em duas categorias, sobre a primeira “dança como expressão - ligada a indivíduos e/ou a grupos sociais.” Seria a dança com referência internas e pessoas. Entender que a dança é expressão, e crer que a criança pode ter o poder de criar os seus próprios movimentos. Afinal para nos mover precisamos perceber o nosso corpo, essa é a premissa. (SALVADOR, 2013). O conceito de dança definido pela expressividade é uma das mais tradicionais justificativas oficiais para a dança fazer parte dos currículos e programas de Educação Infantil

Porém não apenas pela expressão que se justifica ou se encontra a dança na escola. Vemos na segunda categoria que Marques (2012a) cita dança como forma ligada as coreografias, as danças prontas. Nesta se refere a forma no sentido de fôrma, relacionada a formatação ou modelo, “apesar da crença de que o trabalho com forma - com referências externas as crianças – não é muito bem cotado nos discursos pedagógicos e acadêmicos sobre a arte/dança”, essa categoria é a que mais encontramos nas escolas. Quando vemos propostas desenvolvidas com danças como, Cirandas, Quadrilhas, Boi ou copias coreografias de DVD’s da Xuxa ou Clips do Palavra Cantada são exemplos de trabalhos com dança com forma. Para Marques (2012a), esses repertórios prontos estão

diretamente ligado ao desejo de diretores que se amarram aos desejos e cobranças dos pais, que aguardam ansiosos pelas apresentações de fim de ano.

Os pais sendo os expectadores críticos e exigentes como são, colocam todas as suas expectativas nos filhos para que no fim do ano vejam uma apresentação excepcionalmente um unísono, sem as preocupações com todo o processo que aconteceu para isso, porém as crianças “geralmente tendem a se satisfazer com o ato de produzir, de criar, não sentindo necessidade de exhibir suas obras.” (STRAZZACAPPA; MORANDI, 2006, p.25). Salvador(2013) ressalta que o dançarino, muito antes de ir para o palco, prepara seu corpo para a dança, no âmbito educacional vemos que esse tempo de preparo para a criança é o tempo de significados de contextualizar a narrativa a ser dançada, e internalizar o sentido dos movimentos. Este corpo preparado Salvador (2013) chama de corpo disponível, é o corpo consciente da sua movimentação e também é expressivo.

“Não podemos nos esquecer de que a educação estica dos pais se faz nas apresentações dos filhos.” (STRAZZACAPPA; MORANDI, 2006, p.26). Então como agradar aos olhos da sociedade e agir pedagogicamente correto?

É neste momento que percebemos como agir apenas em uma ou outra categoria ou dança como expressão ou dança como forma, não supre todas as necessidades da dança na escola. Transformar os repertórios prontos em fontes de aprendizado é um bom caminho para isso. “Para que aprendizado de repertórios se torne também fonte de fruição e criação, esses repertórios precisam ser aprendidos por outros meios que não sejam a cópia calada e mecânica [...]” (MARQUES, 2012a, p.19), pois movimentar se no espaço/dançar e mais do que apenas se deslocar. É deslocar se com qualidade, consciência e expressividade. (SALVADOR, 2013).

Como exemplo podemos ter as Quadrilhas juninas, que não são apenas um conjunto de passos. Eles têm sentido e significados e não apenas como reprodução de paços se aprende uma quadrilha. É conhecer, porque se dança, onde se dança e sim como se dança. E todo esse aprendizado terá sentido e vai refletir na execução dos passos. E não apenas da Educação Infantil se aprende assim. Muitos acreditam ainda que a dança é apenas para crianças pequenas (MARQUES, 2012a), ou que a ludicidade, a contextualização da narrativa para ensinar dança é apenas para as crianças. Quando vemos algumas aulas de dança que são verdadeiras prisões vemos quanto é importante olhar para dança diferente. “Se nossa proposta é ensinar dança para a criança, temos que conhecer nossas

crianças, entendê-las, verificar seus anseios e necessidades [...]” (VERDERI, 1965, p.58).

Muito se fala ou reclama que os alunos só querem ficar em frente à TV, pois bem e é a partir de então que a mídia influencia os repertórios e vocabulários de dança desses alunos/crianças. Mas também questiono. Os professores fazem diferente? Ou seu repertório também é construído mediante o que a mídia o impõe? Marques (2012a) ressalta que muitas vezes o nosso repertório artístico se assemelha ao dos alunos.

No entanto é perceptível que nos últimos anos a vontade dos professores de educação infantil e do ensino fundamental de apreender dança cresceu muito, mas nem sempre as condições das escolas para acolher a dança foram alteradas.

Se para um professor que considere dança apenas, *ballet*, *jazz*, Maracatu, *hip hop* ou coreografia da Xuxa. O repertório que esse professor passará a seus alunos será exatamente esse. Ou se por questões religiosas ou porque durante a sua vida não teve experiências dançante, privara seu aluno que também possa conhecer a dança. Ou se o professor para o professor está apenas no âmbito da expressão, essa dança estará ligada a uma dança livre. “Historicamente a dança livre vem sendo tomada como uma dança que não inclui a obrigatoriedade de aprendizados de códigos externos.” (MARQUES, 2012a, p.22). Tornando essas aulas vazias, pois se não a relação não a narrativa.

Saber relacionar nossas vivências e os processos criativos orientados e ainda relacionando e percebendo e possibilitando a dança na escola tanto como dança expressão e dança forma é o caminho para o conhecimento integral sobre a dança. Porém ainda mora no imaginário de professores e alunos a ideia de que dança é sinônimo absoluto de movimento (MARQUES, 2012a), como se uma conversa sobre dança não fosse a própria aula de dança, ou que apenas quando se movimenta está aprendendo a “dançar”.

Ainda Marques (2012a), ressalta que o desejo de muitos professores tem um é que seus alunos “sosseguem”, pois bem, a então uma grande oportunidade de se pensar o movimento e a ausência dele, a pausa, e seus espaços na sociedade. Pois a dança é relação. “A dança não se define pelo movimento (ou não movimento), mas sim pelas combinações possíveis entre o próprio movimento, quem o gera, e onde ele acontece.” (MARQUES, 2012a, p.27).

Sendo a dança composta por corpo, movimento, a cena e outros, porém se os trabalhando separadamente não estamos falando de dança e sim de componentes da mesma. “[...] basta que compreendamos a complexidade (e não a dificuldade) em trabalhar a dança na escola para que possa produzir sentidos. Para que possa educar, a dança na escola não pode se resumir a um conjunto de passos de um DVD.” (MARQUES, 2012a, p.29).

Assim para melhorar cada vez mais o espaço em que a criança aprende dança, faz necessário que o professor continue se atualizando, “para exercer sua função da melhor maneira possível, de forma a favorecer o desenvolvimento infantil em diversos aspectos, promovendo a ampliação da experiência das crianças e de seus conhecimentos.” (FREIRE 2007, p.78).

Faço das palavras de Marques (2012a, p. 157) as minhas.

Minhas suplicas que na verdade são desejos, exigem coragem para dançar, ousadia para criar, vontade de compartilhar, humildade para aprender, perseverança para ensinar, entusiasmo para conviver, compromisso para educar.

Que sejamos fruidores de arte e tenhamos uma escola mais dançante.

5 METODOLOGIA

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Envolve compreender, discernir, analisar, tudo o que envolve um problema de pesquisa. Pesquisa é isso. A procura por entender alguma coisa, saber mais o conhecimento de um assunto. Nas nossas aulas de artes, vimos que devemos dar a importância nas pesquisas da área relacionadas a arte. Descobrir o que é pesquisa sobre arte e o que é pesquisa em arte.

Pesquisa sobre arte é aquela que é feita por pesquisadores, tendo como produto final um texto. E pesquisa em arte, diferentemente é aquilo elaborado por artistas pesquisadores, e que tem como produto uma obra de arte. (LEITE, 2003, p.30).

A pesquisa caracteriza-se como descritiva e de campo, com uma abordagem qualitativa, visando desta forma melhores resultados sobre o estudo, pois este tipo de pesquisa segundo Cervo e Bervian (1996, p.49) “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los.”

5.2 CAMPO E SUJEITOS DO ESTUDO

Os sujeitos colaboradores da pesquisa foram professores de Arte que trabalham com Educação Infantil em escolas municipais em Içara, a respeito da problematização que envolve o projeto, mas sem algum tipo de contato com as aulas de arte.

O critério de escolha foi através de análise das escolas de Educação Infantil municipais que possuíam professores com habilitação em arte e que estavam atuantes nestas escolas de Educação Infantil no município de Içara.

Portanto, de acordo com a Secretaria de Educação do município, somavam 10 os professores estabelecidos pelos critérios de inclusão no estudo, sendo todos eles contatados e convidados a participar da pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa, que serão entrevistados, compõem o total dos professores da rede municipal de ensino em escolas de educação infantil municipais

em Içara. Segundo Andrade (2001, p.144) “os resultados obtidos na pesquisa de uma amostra da população podem ser generalizados para todo o universo.”

Fizeram parte da amostra 7(sete) professoras atuantes com a disciplina de Arte nas Escolas de Educação infantil municipais em Içara assinando devidamente as autorizações do uso de imagem, fala e escrita¹⁴ livre esclarecidos sendo que 3 (três) professoras não se manifestaram em responder a entrevista.

5.3 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada com 09 perguntas abertas conforme apêndice “C”.

A primeira abordagem da pesquisa foi o contato por telefone com a secretaria de educação municipal de Içara, onde a coordenadora de Arte do município de Içara enviou via e-mail a relação dos professores de Arte atuantes nas Escolas Municipais de educação infantil no município de Içara, juntamente com os telefones para o contato.

Foi apresentado aos professores da amostra o objetivo do trabalho bem como se daria se os mesmos concordassem em colaborar, esclarecendo o seu poder de escolha quanto aos nomes apresentados no resultado da pesquisa, podendo ser usado o nome real ou fictício, deixando também claro a importância da assinatura do Autorização do uso de imagem, fala e escrita.

As entrevistas foram realizadas entre o período de 12 de setembro de 2016 a 13 de outubro de 2016, e foram feitas em Içara. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Com os dados coletados em mãos, foram divididos por categorias conforme os objetivos do estudo.

¹⁴ O modelo para autorização do uso de imagem, fala e escrita encontra-se no apêndice “D”.

6 ANÁLISE DE DADOS/CATEGORIAS

Minayo (2004b) apresenta as categorias como um conceito que agrupa dados em comum dentro de um estudo, ou seja, agrupam elementos, ideias, pensamentos, sentimentos ou expressões que estão inseridos dentro de uma determinada realidade, e no final irão servir para explicar, questionar e justificar esta realidade.

Neste capítulo busquei analisar os dados obtidos por meio de entrevista semiestruturada de modo que analisar o entendimento dos autores analisando as falas da amostra pesquisada com a minha compreensão enquanto pesquisadora tendo em vista o referencial teórico.

Depois das entrevistas serem transcritas foram elaborados quadros em que as perguntas foram agrupadas com suas respectivas respostas conforme apêndice “A”. A partir disso foram selecionadas as categorias que serão analisadas e discutidas.

As categorias selecionadas estão de acordo com os conteúdos que apontam questões da pesquisa trazendo características e pontos em comum. A preocupação em agrupar em categorias vem de encontro com as respostas da amostra e as questões que norteiam a pesquisa.

A mostra foi composta por 7 professoras onde todas optaram pelo nome em que gostariam de serem identificadas na pesquisa. Todas possuem formação em Artes, sendo 6 professoras com formação na UNESC e 1 professoras na UNIASSELVI, e todas possuem pós-graduação. A idade das professoras é de 23 anos a 43 anos. Todas atuam na educação infantil no município de Içara. O tempo em que já atuam na educação infantil varia de 1 ano a 9 anos

6.1 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DAS AULAS DE ARTE A PARTIR DA LINGUAGEM DA DANÇA

6.1.1 Conteúdo – descrição previa das aulas

Com relação conteúdo e descrição das aulas, perguntei na questão número 1, “Você costuma utilizar/ministrar o conteúdo de linguagem da dança em suas aulas? De que forma essas aulas acontecem? E com que frequência?”.

Percebi que mais da metade das entrevistadas fazem de uso da dança quando tem em suas aulas a música ou até mesmo o teatro.

Para J.S: *“Eu sempre elenco música e dança juntos, eu não trabalho só a dança em si.”*

Percebo que a dança como si só para as professoras não se caracteriza como fonte de conhecimento. Marques (2007) já dizia que a dança em si é conhecimento e para Salvador (2013) não deve ser tratada como “bengala”. Ou ainda para Strazzacappa e Morandi (2006, p.20) “que deveriam compreender o ensino de dança como um fim em si.”

As professoras Antônia e Fran, também citam a coreografia como presente nas suas aulas, porem de maneira *“superficial”* segundo Fran. Essa superficialidade nas aulas que tem dança se mostra recorrente durante a entrevista, e uma das principais motivações para isso segundo as professoras é a sua formação, que falaremos nas próximas categorias. Umas das falas da professora Fran é trazer nossas possibilidades enquanto a dança e cita as danças circulares pois para Fran, *“procuro trazer a dança de forma bem ampla, de vários tipos, de não só ficar no passo, ou no que eles já conhecem.”* Nessas relações de conhecer o novo e ampliar o conhecimento e as possibilidades.

[...] poderíamos introduzir em nossas salas de aula momentos de reflexão, pesquisa, comparação, desconstrução das danças de que gostamos ou não e, assim, podemos agir crítica e corporalmente em função da compreensão, desconstrução e transformação de nossa sociedade. (MARQUES, 2012b, p.31).

E essas possibilidades do novo não obrigatoriamente precisam ser dançadas de fato. Segundo Marques (2012b) precisamos quebrar o tabu que “conversar não é dançar”. Porem nas mesmas falas onde encontro convergência com a dança em sua totalidade também encontro falas como *“[...] eu utilizo ela como aliada[...]”* ou *“complemento pedagógico”*, mostra que a dança de certa forma está na escola porem de maneira ainda muito instável.

As professoras também completam que a presença da dança nas suas aulas, na maioria das entrevistadas, ainda não é com tanta frequência.

Para Maria: *“A frequência vai depender do tempo de duração de cada projeto eu nunca fiz um só de dança.”*

Porem percebe-se que a dança ainda é uma “coadjuvante” nas aulas de arte. Curiosamente uma das entrevistadas faz o uso da dança, como ela cita, “quando acaba as aulas, faltando alguns minutos [...], costumo deixar uma música infantil, ou musica calma, e deixo eles dançando.” A professora entrevistada completa dizendo que assim a dança de certa forma está com frequência em suas aulas. Marques (2012b, p.109) ressalta que “para alguns professores seus referencias de dança na escola são encontrados em edições de Xuxa para baixinhos”.

A mesma professora completa, “geralmente utilizo o DVD para eles estarem vendo e imitando.” Penso que esta práxis de fazer o uso do DVD com músicas e vídeos infantis na sala de aula, principalmente nas escolas de educação infantil, não são exceção, Marques (2007, p.82) afirma que, “[...] através de cópia e de mecanização de movimentos, não permitem que o indivíduo descubra seu vocabulário pessoal de movimentos.” Essas ações de limitar a dança nas aulas de Arte, a imitação e copia, controlam ou até mesmo resumem as experiências em dança do aluno.

Todas as professoras da amostra, apenas com exceção de uma professora traz indícios de dança ainda que inconstantes em suas aulas. Visto que o restante da amostra apenas trás componentes da dança de maneira fragmentada, como atividade rítmica.

6.1.2 Elaboração do plano de aula

Sobre a elaboração do plano de aula, questiono as professoras da amostra com a pergunta de número 3: “Como você elabora o seu planejamento a partir do conteúdo de dança? Você utiliza algum autor? Que critérios você elenca para elaborar as suas aulas?”.

A resposta tem uma semelhança em praticamente todas. Os encontros com coordenadora ou secretaria para elaboração dos projetos. Antônia afirma que tem encontros com a coordenadora para elaboração do planejamento, porém não especifica qual o espaço da dança no planejamento apesar de na resposta de número 1 ter afirmado que faz coreografias com os alunos.

Bruna diz que o planejamento vem pronto da secretaria onde constam os conteúdos e a partir desse os professores desenvolvem seus próprios.

Para Marques (2007), que alerta para planejamentos que não tem tempo para o indeterminado ou o imprevisto, que são tão fechados e fixados a planejar, elaborar e conceituar. E talvez porem esse também motivo ainda não se veja uma constância da dança em projetos escolares. Pois a partir do momento em que, no caso de Bruna, a secretaria encaminha o planejamento e os conteúdos a serem desenvolvidos e neste não haja a dança, o professor deixara de trabalhar essa linguagem.

Para Sheila sobre os projetos, cita que faz os projetos e depois os “projetinhos”, que a frequência varia em torno de dois meses. Sobre a práxis Sheila diz: *“Eu trabalho com as músicas da palavra cantada que eles gostam ou infantis mesmo da Xuxa ou Patati Patata que eles se divertem e gostam muito.”* Sobre a pratica desses repertórios midiáticos pronto, como exclusivos durante a aula não comportariam todas as necessidades de uma aula com dança em toda a sua totalidade, onde “a cópia das dancinhas propostas nos DVD’s da palavra cantada ou até mesmo da Xuxa.” (MARQUES, 2012a, p.19).

Sobre os critérios, Maria exemplifica que utiliza para elaborar as suas aulas. Ela parte de uma situação problema e a partir de então constrói seu planejamento buscando elencar o maior número de possibilidades de linguagens da arte.

Para planejar a aula a partir do contexto da criança vai de encontro com a proposição de Marques (2007, p.94) quando cita, “proponho que o trabalho com dança em situação educacional baseada no contexto dos alunos seja o ponto de partida[...].”

Para Maria: *“Eu trabalhei a pré-história esse ano e trabalhei artes visuais, teatro, o movimento do corpo, como ele andava, como agia, na parte cênica também entra a parte da dança.”*

Perceber que a dança faz relações, e essa rede de possibilidades está diretamente ligada a sentimentos e a sociedade, de certa forma localiza o aluno dentro da aula de dança. (MARQUES, 2007).

Na educação infantil, essa localização do aluno no tempo, espaço e as relações que a dança possibilita quando são problematizada e contextualizada de forma lúdica. (MARQUES, 2012).

Para Milca: “[...] lembrando que a dança aqui quando falo de planejamento eu não uso como coreografia, eu uso como um jogo porque na educação infantil sempre temos que usar da ludicidade.”

Vejo que aqui o jogo é a brincadeira, então o lúdico. Não como entretenimento seria fazer o uso do lúdico, mas sim como necessidade. E faz uso da coreografia como um processo e não como resultante.

Em pleno século XXI, o ideal seria não ser mais necessário discutir a importância do brincar na educação infantil: a ludicidade, sabemos deve ser um determinante comum as atividades de sala de aula. A situação educacional lúdica está relacionada a criação e a transformação. (MARQUES, 2012a, p.29).

Milca completa dizendo que a ludicidade é um critério para a elaboração dos seus projetos e os considera essenciais, também cita a criatividade e a improvisação. Também como exceção da amostra é a única que cita algum tipo de autor para nortear seu planejamento, e cita Laban como sua referência. Porém, quando questionada sobre composição coreografia não mencionou a coreologia de Laban.

Laban teve seus estudos sobre o movimento, “ele defendia um ensino de dança no qual o ser humano pudesse explorar de maneira livre suas capacidades “espontâneas e inatas” de movimento no espaço.” (MARQUES, 2007, p.84).

6.1.3 O processo coreográfico

Sobre o processo coreográfico perguntei as professoras na questão de número 4; Como você elabora as coreografias presentes no conteúdo de dança? Você cria para apresentações exclusivas, ou utiliza como elemento pedagógico? Os alunos podem participar das criações?

Antônia diz a respeito da composição coreográfica, que escolhe uma música de acordo com o conteúdo, porém quando questionada com o conteúdo a resposta foi inconclusiva.

Marques (2012a), atenta para as escolhas dos repertórios a serem utilizados para crianças de educação infantil. A grande maioria deles não abre espaço para a criatividade, deixando restrita a criança a apenas “seguir o que a música diz”, apontar, imitar, mimicar.

Bruna porem estabelece o tema da coreografia de acordo com o que a direção do CEI pede, completa citando suas fontes de pesquisa como internet.

Para Bruna: “[...] eu pesquiso um pouco na internet e levo os passos para a sala onde os alunos vão reproduzindo.”

A partir do momento em que é imposta ao aluno uma coreografia previamente estabelecida, isso limita o momento de criação pela dança.

Os processos de criação em dança (e não os de reprodução de repertórios prontos) acabam não se encaixando nos modelos tradicionais de educação. Nossas escolas permanecem advogando por um ensino “garantido” (sabemos onde vamos chegar), conhecido (já temos experiências de muitos anos na área), determinado e pre-planejado (não haverá surpresa). (MARQUES, 2012b, p.21).

Mesmo quando o repertorio é fechado sem a participação criativa do aluno/criança, a atenção se volta pelo cuidado com o repertorio midiático (internet, televisão).

J.S. e Sheila também elaboram coreografias, J.S. elabora coreografias exclusivamente para apresentações e completa dizendo que os alunos podem participar da composição porem apenas o fundamental I e II porem essa não é a seriação em discussão.

Para Marques (2007) a composição coreográfica pode ser composta por movimento orientados do professor, porem o momento da criação para o aluno principalmente no ambiente escolar regular é fundamental e esse podendo participar da composição coreográfica.

Já Milca ainda não elaborou nenhuma coreografia.

Para Milca: “[...] a parte da dança com as crianças quem elaborou foram os professores de educação física.”

A dança está, “atrelada a diversos campos de conhecimento como a arte e a educação física” (STRAZZACAPPA, 2006, p.78), possibilitando uma conversa das areias de conhecimento e porque não dos professores correspondentes dessas disciplinas.

Sheila diz que elabora coreografias exclusivamente para eventos da escola, porem em conjunto com outros professores. A parceria é feita com as pedagogas, e durante o dia a dia “deixa mais solto”, apesar de em outra questão já

ter afirmado que a dança ocupa o tempo que sobra de sua aula esta dança ainda assim acontece sem mediação.

Percebo que esta dança ainda que “solta” sem mediação, continua “sem nome” mesmo que seja uma dança possivelmente criativa, “que sugere que as aulas de dança devem permitir e incentivar os alunos a experimentar, explorar, expandir, colocar seu eu, no processo de configuração de gestos e movimentos.” (MARQUES, 2012b, p.147). Essa ainda tem seus objetivos enquanto dança.

Fran quando questionada sobre os eventos da escola diz que geralmente fica com a parte decorativa da festa. Mas completa dizendo da importância da participação do aluno nas criações em dança.

Para Fran: “[...] mas penso que tem que ser uma troca de experiências. Nós aprendemos muito com os alunos.”

Para Milca: “[...] penso que os alunos devem sim participar das criações.”

O processo coreográfico é uma troca, principalmente na educação infantil, onde o professor não é um ditador ou um mestre de *ballet* clássico, onde apenas um é o dominador de todo o conhecimento criativo. Todos são parte de um. Sendo o processo coreográfico o momento efetivo de construção da obra e, portanto, as narrativas precisam ser contextualizadas. Marques (2007) cita a importância do contexto e do texto de dança, ou seja, a criança precisa construir o sentido e o significado daquilo que ela precisa representar corporalmente. Por isso Marques (2007) traz que conversar também é dançar, tão quanto precisamos nutrir a consciência de nossos alunos para então eles visualizarem um imaginário repleto de detalhes que facilitam a expressão corporal artística. Veja: a expressão corporal é a ação motora final que foi precedida de uma conscientização humana. Se a criança não sabe o que um barco, jamais representara corporalmente um barco!!!! União das linguagens, eu vejo, eu penso, eu sinto eu danço.

6.2 DIFICULDADES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM A LINGUAGEM DA DANÇA

Sobre as dificuldades na prática pedagógica com a linguagem da dança, questiono com a pergunta de número 5 e 6; 5: “Quais as maiores dificuldades encontradas no ato pedagógico com o conteúdo de linguagem da dança em suas aulas? Comente.

As professoras Sheila e Antonia dizem que não tem dificuldades na prática pedagógica com a linguagem da dança. Antônia que une música com dança e que não tem dificuldades, pois os alunos gostam. Já a professora Sheila diz que não tem dificuldades e justifica, pois, usa a dança como complemento das artes visuais, porém curiosamente nas primeiras perguntas a professora Sheila diz fazer uso da dança em suas aulas quando sobra o tempo na sua aula porém a contradição, pois não utiliza a música com dança, mas sim segundo a literatura, música com passos, com movimentos soltos e descontextualizados e muitas vezes a mercê da reprodução midiática.

Milca e J.S. têm dificuldades na prática pedagógica com a linguagem da dança em suas aulas. Justificam a falta de insegurança para trazer a dança para as suas aulas de Arte. Mesmo Milca tendo respondido que utiliza Laban como seu referencial teórico ainda tem dificuldades na prática.

Para J.S: *“[...] a maior dificuldade é como passar esse conteúdo para os alunos, de que forma seja ela pedagógica e não prática, ainda mais na educação infantil, eu tenho muita dificuldade, não me sinto muito à vontade.”*

Para Milca “o fazer acontecer” é o impasse para suas aulas, como passar esses conhecimentos em dança para os alunos. Marques (2012a) diz que a dança é relação. E para as crianças o brincar e o lúdico faz parte dos seus dias, sendo “brincar” criar vínculos e “dança” sistema de signos/rede de relações.

Não a que não pense, não sinta e não se lembre do corpo quando o assunto é brincar. O corpo está presente em praticamente todas as manifestações lúdicas do ser humano. O corpo faz parte e é elemento primeiro para realização das possibilidades de conhecimento, percepção, interação e até mesmo de transformação das brincadeiras que fazem parte de nossas vivências culturais lúdicas. (MARQUES, 2012a, p.32).

Bruna e Fran também tem dificuldades porém essas culpam de certa forma a formação acadêmica que tiveram.

Para Bruna: *“[...]porque na universidade a gente tem uma disciplina que dura um semestre só sobre a dança, mas o semestre se torna curto para a gente se apropriar mais do assunto, acaba acontecendo tudo muito rápido [...]”*

Na Universidade em que a professora Bruna cursou a faculdade a disciplina de dança é uma disciplina optativa e alguns alunos do curso de Artes Visuais ainda acabam saindo sem nenhum tipo de formação em dança. Porém a

maioria dos cursos de Arte no Brasil tem a sua linha de pesquisa mais voltada para as artes plásticas. Segundo Marques (2007) o ensino universitário na área da dança ainda deixa muito a desejar.

Fran também completa dizendo que as leis que regem a educação exigem a dança na escola porem, pouco se faz para a formação do professor. Outro ponto que Fran e Bruna citam é a falta de estrutura para receber a dança na escola. Fran explica que em uma aula de 1 hora e 30 minutos, 30 minutos são apenas para realizar a chamada dos alunos e arrastar as carteiras, sem tirar o tempo de deixar a sala em ordem para o próximo professor.

A pergunta de numero 6, “Você acredita que a falta de estrutura física impede a elaboração de planejamento efetivos para o desenvolvimento do conteúdo de linguagem da dança? Porque?”

Nesta pergunta todas as professoras concordam que a falta de estrutura atrapalha no desenvolvimento da aula, e que o ideal seria uma sala com estrutura adequada, alguma sugeriram, espelhos, barras, som de qualidade e tatame.

Antonia e Sheila também citam como Fran o problema em arrastar as carteiras e a perda de tempo para isso.

[...] continuo frequentando escola públicas que não permitem que professores movam as carteiras das salas de aula para uma atividade de dança; escolas que não disponibilizam equipamentos para seus professores; gestores que proibem a utilização de outros espaços da escola para dança[...]. (MARQUES, 2012b, p.108).

A escola está acomodada em um tempo em que a contemporaneidade “bate à porta” e cada vez mais esta presente no mundo da arte e na escola. “A dança ainda parece apresentar um risco muito grande a ser tomado pela educação formal, pois ela ainda é uma desconhecida da/para a escola.” (MARQUES, 2012b, p.20).

Fran ressalta a falta de estrutura e diz: “[...] a escola não está preparada, se nem com o aluno com necessidades especiais então imagina com estrutura adequada para receber a linguagem da dança.”

Porem apesar de entender que a estrutura afeta diretamente nas aulas ela completa dizendo que não é um empecilho para que a aula não aconteça. E que um professor determinado é capaz de se adaptar.

Para Maria a dança pode ser realizada em qualquer espaço da escola. Sheila cita espaços como pátio da escola para a prática de dança.

As possibilidades da dança na escola independem do seu espaço/ambiente. Sendo sensatos e perceber as adequações necessárias, salas de aula, espaços de convivência podem ser espaços para dança sempre sendo sensatos nessa escolha.

6.2.1 Implicações da formação docente

Sobre as implicações da formação docente questiono as professoras com a pergunta de número 7: “De que maneira a sua formação acadêmica contribuiu para o seu entendimento efetivo e para o trato das práxis com o conteúdo de dança na escola?”

Grande parte das professoras não teve dança em sua grade, e as que tiveram era de maneira optativa. Antonia apesar de não ter tido a disciplina de dança na universidade diz que procura sempre associar outros gêneros artísticos a ela. Para Maria apesar de nem lembrar o que estudou sobre dança na universidade, ela diz que procura sempre se atualizar e hoje está matriculada em um curso de pós-graduação em dança educacional.

Esta situação não é uma exceção, pensando que a dança no Brasil principalmente foi construída nos olhares das escolas de dança e intrinsecamente quando se fala de dança na escola acaba se caracterizando o ballet clássico. (MARQUES, 2007). Geralmente a formação em arte no Brasil pouco se fala em dança. Cabe ao professor se atualizar e buscar conhecimento em outras fontes.

Para Milca e Sheila a formação acadêmica delas ajudou muito para entender a importância e a parte teórica em dança porém a prática deixou a desejar, Milca principalmente sente muito a necessidade de como seria a parte pedagógica e prática para as crianças.

Penso que para o professor em espaço formal (escola) seja interessante a vivência em dança, além do que aprendeu ou não na universidade. Se a dança é relação e troca, nada mais justo do que ter o que dividir na prática. Para Marques (2007), na história do artista da dança, muitos eram os corpos que apenas executavam coreografias ditadas por seus coreógrafos que de fato criavam as movimentações e os intérpretes apenas reproduziam e neste caminho não havia

espaço para conhecimento, se não o de reprodução. Na educação o professor artista abre a possibilidade de que esses processos de criação também sejam processos de educacionais.

6.3 IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM DA DANÇA NO ENSINO DA ARTE PELA VISÃO DOCENTE

Perguntei as professoras na questão de número 8, “ O que significa a dança em sua opinião? Conceitue-defina

As professoras na sua maioria responderam que dança é movimento, expressão, manifestação cultural e linguagem da arte. Ainda para Fran e Bruna a dança é umas das artes mais completas que englobam a musica o teatro e a arte visual. “No entanto, a especificidade da dança está justamente em trata-la como arte, e não como movimento, terapia ou recurso educacional.” (MARQUES, 2012b, p.31).

Ainda para Bruna a dança serve para acalmar, Sheila também cita que é excelente para desinibir.

Marques (2012b, p.26) questiona, “[...] será que para alcançar esses objetivos precisamos realmente da dança?”. E completa dizendo que a dança pode atender a esses objetivos porem outras áreas poderiam até de maneira mais efetiva.

Também perguntei as professoras na questão de número 9, Qual a importância do desenvolvimento desse conteúdo nas aulas de Arte, na Educação infantil?

Grande parte das professoras responde que é importante, pois trabalha com as questões de coordenação motora, desenvolvimento do corpo, lateralidade, flexibilidade e alongamento. Senti falta de outras “importâncias” da dança.

Sendo que estes professores reconhecem a sua formação de certa forma com carência em relação ao ensino da dança. Este apenas é o reflexo, pois os professores não estão e não se sentem preparados, como conseguiram executar e planejar a dança enquanto linguagem da arte. Desta forma não conseguiram nem ao menos reconhecer a sua real importância para o ensino na Educação Infantil.

Penso que o que justifica hoje a dança na escola na maioria dos casos é a de desenvolvimento de coordenação motora ou soltar as emoções.

A escola teria, assim, o papel não de “soltar” ou de reproduzir, mas sim de instrumentalizar e de construir conhecimentos em/por meio da dança com seus alunos, pois ela é forma de conhecimento, elemento essencial para a educação do ser social. (MARQUES, 2012b, p.26).

6.4 O ESPAÇO DA LINGUAGEM DA DANÇA NAS AULAS DE ARTE

As demais questões já analisadas também dão suporte para as conclusões sobre o espaço da dança nas aulas de Arte, porem para enfatizar ainda mais, foi realizado a pergunta de número 2 onde questiono as professoras com a pergunta: Você se envolve nos eventos artísticos programados no calendário da escola? Quais seriam as suas responsabilidades? Eles estão previstos no PPP?

Todas as professoras disseram que participam do evento. Apenas Milca não participa com dança no evento escolar, porem participa da decoração da escola quando a eventos artísticos. Que é uma recorrência no mundo docente em arte, pois em varias situação o professor de arte acaba sendo reconhecido como decorador da escola em festividades previstas em calendário festivo escolar.

A professora Fran também fala sobre a decoração dos eventos artísticos que geralmente ficam por conta do professor de arte.

Para Fran: “[...] *é importante desmistificar que o professor de Arte tem que ajudar na decoração sempre, a gente tem coisa mais importantes e objetivadas para aplicar com nossos alunos.*”

Ainda é comum as aulas de arte serem confundidas com lazer, terapia, descanso das aulas “sérias”, o momento para fazer a decoração da escola, as festas, comemorar determinada data cívica, preencher desenhos mimeografados, fazer o presente do Dia dos Pais, pintar o coelho da Páscoa e a árvore de Natal. Memorizam-se algumas “musiquinhas” para fixar conteúdos de ciências, faz-se “teatrinho” para entender os conteúdos de história e “desenhinhos” para aprender a contar. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p.12).

Milca que diz se envolver nos eventos culturais da escola completa: “*por ser professor de arte, geralmente fico com a decoração da escola.*”

Sobre os eventos culturais e a responsabilidade incumbida pelos outros professores que a responsabilidade da decoração é do professor de arte.

Para Fran: “[...] *porem na realidade é isso que acontece, e a gente que está ali para trabalhar não vai negar.*”

Acredito que neste momento é quando o professor de arte tem de se impor e mostrar o real valor da arte para a educação e suas possibilidades e deveres na escola.

Ate aqui percebo que pouco se falou da dança nos eventos escolares, mas muito da decoração, porem Fran expõe o desejo de trabalhar com dança nos eventos e salienta que a *“a dança não é apenas para o dia da apresentação”*, mostrando que apesar de ser descontente com a sua formação citada anteriormente, já tem uma visão positiva do caminho a seguir.

A maior parte das professoras respondeu que esses eventos culturais estão no PPP da escola, porem os eventos citados se resumem a festa junina e festa da família. Portanto a dança estaria presente na escola nesses momentos, “[...] resumindo a dança a festinhas de fim de ano.” (MARQUES, 2012b, p.19).

Salientando que na grande maioria da amostra as professoras citam a dança apenas como elementos ou atividade rítmica mostrando incertezas sobre a área, falta de conhecimento, despreparo e também muito anseio em aprender mais.

Bruna, Maria e Sheila, dividem as responsabilidades com as professoras pedagogas no momento de criar as coreografias, porem Maria completa dizendo que ajuda com ideias, ensaia e figurino. Parte da amostra cita que os professores pedagogos também participam das criações em dança para as festividades da escola, chamando minha atenção não apenas para os professores de Arte como também os Pedagogos e os professores de Educação Física, que segundo a mostra são os professores que tem o maior contato dança na escola para essas festividades. Sheila também colabora com ideias porem justifica que sua pesquisa é via internet. Essa resposta acaba deixando cada vez mais claro o que de fato acontece nestas aulas. Aulas de dança, a mercê de repertorio midiático ou como já citou anteriormente para preencher o espaço que sobra das aulas de dança, justificando que os alunos gostam e ficam muito felizes.

Ainda como complemento pedagógico a dança é vista, como cita Fran na pergunta de numero 1, utiliza a dança como “aliada”. E nesta premissa que percebemos o espaço que a dança vem a ocupar nas aulas de Arte.

7 DANÇA NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA

7.1 EMENTA

Formar e dar continuidade à educação de professores de Arte sobre a linguagem da dança, pressupostos básicos da dança enquanto linguagem. A dança e a história da Arte. O corpo que dança. Metodologia da educação básica e na educação especial. A Contribuição labaniana para a produção artística em dança. A dança enquanto linguagem e suas as possibilidades pedagógicas. Produção de eventos artísticos/pedagógicos escolares com dança.

7.2 CARGA E PUBLICO ALVO

20/H. Professores de Arte, Educação Física e Pedagogos.

7.3 JUSTIFICATIVA

Conforme percebido ao longo desta pesquisa a linguagem da dança está presente nos documentos oficiais onde cita sua obrigatoriedade de presença na escola.

Publicada em 2 de maio de 2016 a Lei de número 13.278, torna obrigatória na escola o ensino de artes visuais, a dança, a música e o teatro. § 6º: As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.¹⁵

Desta forma, o presente projeto de curso, se desenha a partir dos dados analisados articulados à luz do referencial teórico e os documentos oficiais que citam a dança como presença obrigatória na escola.

Percebo a ausência de práticas pedagógicas eficazes que estimulem a dança com todas as suas possibilidades, muitas vezes relacionadas segundo as falas dos professores entrevistados, a formação insuficiente e a não competência dos professores em virtude da sua formação acadêmica são carências que surgiram ao longo das respostas. “A formação de professores que atuam na área da dança é,

¹⁵ Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm>.

sem dúvida, um dos pontos mais críticos no que diz respeito ao ensino dessa arte em nosso sistema escolar.”(MARQUES, 2012b, p.25). Para Gualda e Sadalla (2008, p.210):

O ensino de dança na escola ainda encontra muitos obstáculos como, por exemplo, a falta de um espaço adequado para as atividades corporais; o preconceito por parte dos alunos, principalmente os meninos; a não valorização desta atividade pelos professores e diretores; entre outras. Mas o que muitos pesquisadores têm constatado é que os professores de dança não estão preparados para atuar em outro contexto que não seja o de academia. Ou seja, os professores de dança ainda, em sua maioria, reproduzem apenas os conceitos técnicos e desconhecem a importância da dança nesse aspecto reflexivo.

Dessa forma, proponho um projeto de formação continuada que dialoga com o problema inicial da minha pesquisa, com o objetivo de promover uma reflexão significativa visando contribuir na realidade observada e outras possíveis.

O projeto proposto permite aos professores um contato maior com a linguagem da dança possibilitando a construção de um repertório mais amplo e menos mediático, pois esses são um dos pontos que mais marcaram durante a análise de dados. Estes repertórios midiáticos ou dança apenas como repertório prontos são vistos como falta de conhecimento, busca do correto por meio simples, molde, modelo, cópia e entre outros. Nesses casos a dança apenas se apresenta na escola para cumprir o calendário festivo escolar.

O professor, desamparado, e muitas vezes altamente despreparado, exige dos alunos que reproduzam, copiem e sigam aquilo que arduamente criou ao assumir suas funções impostas de diretor-coreógrafo: coelhinhos de pascoa, caipiras juninos, índios folclóricos, flores da primavera, presentes e árvores de natal, baianinhas e piratas de carnaval dançam, assim, suas “coreografias” para agradar pais e professores, diretores de escola e supervisores de ensino. (MARQUES, 2007, p.107).

A dança nas escolas precisa que hoje, mais do que nunca, de professores competentes, críticos e conscientes de seu papel no que se atribui a dialogar e ofertar aos alunos a linguagem da dança na escola, que talvez não teriam em outra oportunidade a não ser na escola.

7.4 OBJETIVO GERAL

Proporcionar vivências e reflexões sobre a linguagem da dança promovendo a ampliação de repertório através do trato e conhecimento teórico metodológico sobre dança e suas possibilidades de ensino.

7.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Reconhecer a dança enquanto linguagem;
- Identificar os conteúdos específicos da linguagem da dança;
- Estimular vivências em dança;
- Contribuir de maneira significativa para a entrada da dança nas escolas brasileiras;
- Discutir criticamente propostas para o ensino de dança contidas em documentos nacionais.

7.6 METODOLOGIA

A proposta do curso poderá acontecer distribuindo as 20/h em uma semana no período diurno. Tendo em vista que na grande maioria das escolas existem períodos para cursos de professores em período de recesso escolar. Assim seria de suma importância encontrar um local que seja adequado, que abrigue experiências com dança, diálogos e palestras, como em salas de dança ou centros de múltiplo uso. A seguir na tabela 01, encontra-se o número de encontros, os horários, a carga horária (por encontro), e as propostas a serem desenvolvidas.

Tabela 1 – Cronograma dos encontros

Encontros	Horário	Carga horária	Propostas
1º	13:00h / 17:00h	4/h	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da proposta; • Breve apresentação dos participantes do grupo. • Palestra dialogada: “Dança, ensino e sociedade” com Isabel Marques¹⁶ que dialoga com as questões; linguagem da dança, Parâmetros Curriculares Nacionais e a dança, Dança na Escola, Didática para o ensino de dança, Dança e educação contemporânea.
2º	19:00h / 21:00h	2/h	<ul style="list-style-type: none"> • Apreciação do espetáculo TRIA da Caleidos Cia de Dança.¹⁷
3º	13:00h / 17:00h	4h/	<ul style="list-style-type: none"> • Experiência de dança em contexto escolar com Jesse Cruz¹⁸. Descrição: Corpo, movimento humano e Aprendizagem. Inclusão e PAR-TICI-PAR: Elementos de um fazer. Estrutura do conhecimento, gênese, objeto e sujeito. Natureza, educação e sujeito. Dimensão humana, consciência e sentido dos valores. As nuances, o EU e algo mais que isso. A teia conceitual e sua função educacional. Do pedagógico ao andrógino: a pluralidade de ações e imersões.
4º	13:00h / 17:00h	4/h	<ul style="list-style-type: none"> • Socialização sobre o vivido e apreciado nos últimos encontros; • Planejamento em pequenos grupos de uma proposta de aula sobre dança a luz do que já foi discutido nos encontros anteriores.
5º	13:00h / 17:00h	4/h	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação das propostas (sem a necessidade de aplica-las)
6º	15:00h /17:00h	2/h	<ul style="list-style-type: none"> • Encerramento com debate sobre as atividades propostas durante o curso; • Avaliação do curso.

¹⁶ Breve currículo: Isabel Marques; Coreógrafa, diretora e professora de dança, escritora. Formada em Pedagogia pela USP, Mestre em Dança pelo Laban Centre for Movement and Dance, Londres (hoje Trinity Laban), doutora pela Faculdade de Educação da USP/96. Fundou e dirige o Caleidos Cia. de Dança desde 1996. Criou e dirigiu Caleidos Arte e Ensino, em São Paulo (2001-2008). Atualmente, com Fábio Brazil, é diretora do Instituto Caleidos, fundado em 2007. Assessorou a Secretaria de Educação do Município de São Paulo (SME/SP) em 1991-92, tendo introduzido a dança no currículo oficial da cidade de São Paulo (gestão Paulo Freire). Foi redatora dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) na área de dança e do documento de EJA – área de dança lançados pelo MEC. Assessorou a UNESCO com redação de documento para dança na América Latina no ano de 2002.

¹⁷ Tria carrega com o ele o legado dos 18 anos e 8 montagens diferentes do espetáculo Coreológicas. Se os elementos permanecem os mesmos "da apreciação nasce o entendimento e do entendimento nasce a criação por parte do público", a forma de lidar com esses elementos mudou: a relação com o público mudou, a forma de organizar as pessoas no espaço mudou. Em TRIA, permanece o princípio da interação com o público por meio da apreciação e criação, mas acrescido da ideia de recriar com os corpos presentes - bailarinos e público - o espaço cênico e os diálogos em dança que criam as cenas. As coreografias são dançadas pelos bailarinos em meio às pessoas do público tornando as interações mais cênicas e dançadas sempre em trios.

Permanece a necessidade da leitura participativa por parte do público, levando à partilha estética e à educação por meio da arte. Apreciação de dança se transformando em aprendizado e criação corporal. Em Tria, ampliou-se o espaço do público colocando-o em cena durante todo o espetáculo, o público é a própria cena.

¹⁸ Breve currículo: Jessé Cruz; Formado em Arte, especialista em Dança e mestrando em Educação, atualmente desenvolve trabalhos junto a Escola do Teatro Bolshoi no Brasil, AZ ARTE, Universidade de Brusque e coordena curso de pós-graduação em Dança e Artes Cênicas pela CENSUPEG. Pesquisador na área popular, busca em seus trabalhos o diálogo pedagógico na formação do indivíduo.

7.7 REFERÊNCIA

MARQUES, Isabel A. Interações: crianças, dança, e escola/ Isabel A. Marques; Josca Ailine Baroukh; cordenadora; Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves, organizadora.- São Paulo: Blucher, 2012.-(Coleção InterAções)

Marques, Isabel A. Ensino de dança hoje: textos e contextos / 4 ed. – São Paulo: Cortez, 2007.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir, mesmo com a consciência dos caminhos ainda a serem seguidos. No momento, percebo que a construção de um texto a concluir se dá em uma relação entre o eu e os outros, na qual o eu que se pronuncia, por sua vez, parte da busca por notabilizar suas sugestões. Durante todo o texto passaram muitas concepções, entendimentos, percepções e que os resultados obtidos durante toda a pesquisa foram relevantes, pois possibilitaram encontrar respostas para o problema que despertou o interesse por esta pesquisa, tendo como objetivo, descrever qual é o espaço que a linguagem da dança ocupa nas aulas de Arte, na educação infantil nas escolas municipais em Içara.

Destaco minhas considerações apoiada em diferentes autores que dialogam com a fala dos professores e meu desejo de pensar a dança na escola como linguagem. Pensando que ainda muitos alunos só teriam acesso a dança inicialmente e talvez ao longo da vida; na escola mas nem sempre esse acesso é a linguagem da dança.

Durante todo o processo de pesquisa e análise de dados, percebeu-se que o espaço que a linguagem da dança ocupa nas aulas de Arte, na educação infantil na escola municipais em Içara pouco mudou na minha experiência enquanto aluna nestas mesmas escolas há muitos anos. A dança continua sendo o mínimo das festas juninas e festas de finais de ano a fim de “enfeitar” essas festividades do calendário escolar. Aulas que contemplem a dança como linguagem e não como laser, mas como conhecimento, parece ainda estar distante da realidade pesquisada.

Sobre as aulas de Arte muitos professores ainda citaram que são os decoradores destas mesmas festas, porém o pensamento hoje começa a mudar, muitos desde professores já tem o desejo de se aperfeiçoarem e estudarem mais a dança pois a graduação não supriu todas as necessidades necessárias para que os professores conseguissem de fato estarem trabalhando com a dança nas escolas. Infelizmente a dança nas escolas onde os professores da amostra trabalham, a dança ainda é apenas um resultado final, uma apresentação para pais ou comunidade, e todo o processo ainda é desvinculado como forma de conhecimento.

Essas ações são apenas espelhos de como os professores de arte planejam e executam as suas aulas a partir da linguagem da dança. Muitos

professores relatam que suas aulas são planejadas a partir de instruções da secretaria de educação e a partir deles é que desenvolvem seus projetos. porém a dança se apresenta ainda como um conjunto de passos ou atividades rítmicas ficando em segundo plano, acompanhando planejamento sobre música ou para mostrar e ilustrar corporalmente os conhecimentos sobre artes visuais, sendo raramente a dança protagonista de próprio conhecimento. Dessa forma, não configura se; a partir do discurso dos professores; o exercício da linguagem da dança.

As dificuldades encontradas na prática pedagógica dos professores foram a falta de espaço adequado para receber uma aula de linguagem da dança, também foram citados a falta de cursos preparatórios para a área.

A formação do professor também é um grande problema, parte dos professores que lecionam as disciplinas de Arte na escola, tem sua formação em Artes Visuais, onde o curso tem seu foco na imagem, e pouco se fala ou faz dança. Algumas universidades ofertam disciplina de dança, mas apenas como disciplina optativa o que deixa engendrado o ensino de dança na escola.

Conferido pelos professores da mostra, a importância da linguagem da dança para o ensino da Arte na Educação Infantil, se dá principalmente pela diversidade de linguagens que a arte possui e a sua obrigatoriedade de contemplar principalmente artes visuais, música, teatro e dança. Porém percebeu-se que não encontramos a dança enquanto linguagem.

Durante toda a pesquisa percebemos a importância do trato da linguagem da dança para o ensino de Arte na Educação Infantil.

Porém ainda vimos como é frágil essas práticas na escola. Acredito que esta pesquisa é apenas um ponto de partida para outros trabalhos futuros sobre estes contextos e novas questões que possam surgir no que se refere à dança na escola, pois um problema de pesquisa pode e deve gerar novos anseios, e novas pesquisas. Espero que em pouco tempo, os problemas e questões aqui postos, se aproximem de suas resoluções e soluções, que se encaminhem para uma educação dançante de qualidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org). **O ensino das artes: Construindo caminhos**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2001, p.11-38.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997, 130p.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMINADA, Eliana. **História da dança: evolução cultural**. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.
- ELMERICH, Luis. **História da dança**. 4. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.
- FAEB. Federação de Arte Educadores do Brasil: **Estatuto**. 2015. Disponível em: <<http://faeb.com.br/estatuto.html>>. Acesso em: 04 nov. 2016.
- FREIRE, Adriane. Formação de educadores em serviço: construindo sujeitos, produzindo singularidades. In: KRAMER, Sônia et al. **Infância e Educação Infantil**. Campinas, SP: 1999, 6. ed. 2007.
- GUALDA, Luciana Rosa; SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão. Formação para o ensino de dança: pensamento de professores. **Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 8, p.207-220, jan. 2008. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=1828&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 06 nov. 2016.
- HASS, Aline Nogueira, Ângela Garcia. **Ritmo e Dança**. Canoas: ULBRA, 2003.
- MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- _____. **Interações: crianças, dança e escola**. Josca Ailine Baroukh; coordenadora; Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves, organizadora. **Coleção Inter Ações**. São Paulo: Blucher, 2012a.
- _____. **Dançando na Escola**. 6. Ed. São Paulo, Cortez, 2012b.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir, e conhecer a arte. São Paulo: FTD, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. Ed. São Paulo: Hucitec, 2004a.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004b.

MOTA, Júlio. Rudolf laban, a coreologia e os estudos coreológicos. **Repertório**. Salvador, v. 18, n. 15, p.58-70, jan. 2012. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/6404/4426>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e. Relações entre “linguagens”. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra R. e. **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008.

OSSONA, Paulina. **A Educação pela Dança**. Tradução: Norberto Abreu e Silva Neto. 6. ed. São Paulo: Summus, 2011.

PCN. Parâmetros curriculares nacionais. **Arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997, 130p.

PCN. Parâmetros curriculares nacionais. **Educação física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997, 96p.

SALVADOR, Gabriela Di Donato. **Histórias e Propostas do Corpo em Movimento**: um olhar para a dança na educação. Guarapuava: Unicentro, 2013.

SANTOS, Anderson Mateus. **Danças Urbanas**: Das Ruas ao Palco. Curso de Dança – Licenciatura. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e Culturas da Infância**. Instituto de Estudos da Criança . v. 1, n. 1, p.1-18, jan. 2008.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. Entre a arte e à docência: A formação do artista da dança. **Coleção Agere**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

TADRA, Débora Sicupira Arzua. Linguagem da Dança. Rosimara Viol Tuyuti Ferreira, Sheila Mara Maçaneiro e Sabrina Mendes Ortolan. (org.). **Coleção Metodologia do Ensino de Artes**. 1.ed. Curitiba: InterSaber, 2012.

APÉNDICE (S)

APÊNDICE A - QUADRO DE PERGUNTAS E RESPOSTAS DA AMOSTRA

Perguntas
<p>01. Você costuma utilizar/ministrar o conteúdo de linguagem da dança em suas aulas? De que forma essas aulas acontecem? E com que frequência?</p> <ul style="list-style-type: none"> • ANTONIA. Sim, ouvimos música e fazemos coreografia da música seguindo o meu plano de aula. • BRUNA. Esse é o primeiro ano que estou atuando na área, eu ainda não trabalhei o conteúdo da dança, mas a dança já esteve presente em alguns momentos nas minhas aulas, e eu pretendo estar me aprofundando mais na linguagem da dança no mês de novembro onde vou trabalhar apenas este conteúdo com os meus alunos. • FRAN. Este ano estou trabalhando apenas com turma de Ed. infantil, a gente sabe que desde antigamente, infelizmente a arte é vista muito como o pintar o desenhar. Então desde o início das aulas, até mesmo com os pequenos da educação infantil, eu tentei desmistificar a cabecinha deles que a arte é só desenhar ou pintar, então eu já apresento todas as linguagens nos primeiros encontros no início do ano, com imagens com fotos, ali eu já vou tentando introduzir que a arte não é só desenhar ou pintar, que infelizmente como não sou fixa em uma escola só, a cada realidade que a gente se depara é essa visão realmente que a gente tem. Então eu trabalho no primeiro semestre principalmente as artes visuais, trabalho a questão visual, a questão estética, o belo o feio, vou desmistificando alguns conceitos que eles já vêm pré-formados, a partir do segundo semestre é que eu foco de forma bem definida, a arte, a música a dança e o teatro, como linguagens da arte no meio ensino. Então, mas desde o primeiro semestre tudo que eu trabalho eu tento envolver a dança e a música. Por exemplo : vou trabalhar arte catarinense com os pequenos , eu vejo a questão musical , nossa realidade em santa Catarina, o que que prevalece quais são os tipos, e a dança também , o que acontece eu trabalho com slides, eu trabalho com a vivencia deles, com a dança em si , com passos com coreografia , logico tudo bem superficial, até porque a gente não tem formação em dança quem se forma em artes visuais, a gente tem apenas conteúdos que passam rapidinho ou seja a gente não fez a formação, então tudo que a gente faz e tudo pesquisa do professor , vai da gente ir em busca . já no segundo semestre eu enfatizo mais a questão do som, dos tipos de som , agudo , grave, o silencio o tempo, a dança em si , gosto de trabalhar as danças circulares que é muito legal e , acho bem importante para a realidade para as crianças q eu trabalho, conhecer esse tipo de dança diferente, se não for naquele momento na minha aula, eu não sei se eles terão outra oportunidade, então eu procuro trazer a dança de forma bem ampla, de vários tipos de não ficar só no passo, ou só no que eles já conhecem . Eu penso que é isso. A dança eu enfatizo mais com a música e com o teatro no segundo semestre e no primeiro semestre eu utilizo ela como aliada, como complemento pedagógico, como tema, como conteúdo que estou trabalhando eu uno a dança a música e o teatro junto, ou seja, eu uso a arte visual e sego qual lado eu consigo seguir uma outra linha, o teatro a dança a música, eu nunca fico só na arte visual, eu tento eu mesma interdisciplinarizar as minhas aulas. • J.S. Eu sempre elenco música e dança juntos, eu não trabalho só a dança em si. • MARIA. Na educação infantil aqui em Içara eu costumo trabalhar em projetos, e esses projetos levam algum tempo, porque eu tento colocar um pouquinho de cada linguagem dentro do tema em que eu estou trabalhando, então quando trabalho com dança, são nesses projetos e neles estão também outras linguagens. E a frequência vai depender do tempo de duração de cada projeto eu nunca fiz um só de dança. • MILCA. Costumo ministrar a linguagem da dança, de que forma quando eu tenho um projeto, eu procuro encaixar nos meus projetos assim como a música, porem quando é possível, mas nem sempre é possível e nem com tanta frequência a dança. • SHEILA. Eu utilizo com uma certa frequência, quando acaba as aulas, faltando alguns minutos para o fim da aula e eu terminei a atividade eu consumo deixar com uma música infantil, ou música calma e deixo eles dançando, geralmente utilizo o DVD para eles estarem vendo e imitando.
<p>02. Você se envolve nos eventos artísticos programados no calendário da escola? Quais seriam as suas responsabilidades? Eles são previstos no PPP?</p>

- ANTONIA. Sim, orientar as crianças, e produzir seu trabalho.
- BRUNA. todo o evento que acontece na escola ele está previsto no PPP, e no início do ano letivo é feito uma reunião com os profissionais do CEI ,onde é explicado como vai ocorrer, e neste dia cada professor já sabe que ficara responsável por uma apresentação, eu trabalho em 5 Ceí's , em 3 dos quais eu trabalho, foram realizadas a festa junina, em cada uma das festas fiquei responsável por uma apresentação, foram com as turmas de pré, nos outros serão feitos a festa da família e já sei que lá , e serão no mês de outubro e já sei que já vou ter que estar com um a apresentação preparada.
- FRAN. no PPP da escola está previsto o calendário escolar, com as apresentações artísticas , porem com certeza não é papel do professor de arte cuidar da decoração da apresentação, não é papel só dele, eu participo sim até porque eu estou na comunidade escolar, eu estou trabalhando na instituição , eu tento dar o melhor de mim, mas com certeza eu bato de rente com muitos professores que já colocam o nome do professor de artes na parte de decoração, tudo que eu faço eu tento fazer com os meus alunos, então se eu não quero trabalhar na parte de decoração , se eu quero fazer uma apresentação artística ou cultural, eu penso que nos professore de arte temos toda a liberdade de fazer, mas não é tão fácil assim, a realidade que a gente vive não é assim simples, dependendo da realidade escolar, dependendo dos professore da onde é a escola de toda a equipe , é tranquilo, depende do olhar de cada um , se a escola já tem um olhar amplo sobre a arte, qual a sua definição o seu objetivo da arte na escola, é tranquilo todos pegam junto, todos se ajudam. Se tem escola por exemplo, uma dessas eu trabalho esse ano, é bem complicado , eu bato de frente , eu penso que o que importa e a vivencia do aluno, e não usar só a dança no dia da apresentação, só porque vai ter os pais os tios os avos ali batendo foto, então eu sou um pouco metida, eu gosto de me mete as vezes me incomodar, mas assim eu pego firme eu ajudo, participo sim , sempre ressaltando que aquilo ali não é minha obrigação, para os professores e a própria direção , não é obrigação só do professor de artes, que aquilo ali acontece com a ajuda da equipe toda , mas infelizmente tem que ser trabalhado o olhar dos outros professores não só da gente, então com certeza não está no PPP que a parte de decoração será do professor de artes, porem na realidade é isso que acontece, e a gente que está ali para trabalhar a gente não vai negar, só que eu ressalto bem que aquele ali não é meu papel, e muitas vezes eu deixei de fazer decoração que é o que eles esperam do professo de artes, e fui fazer apresentações artísticas culturais com meus alunos que eu acho muito mais rico do que decoração, que vai ficar demito só ali na foto e as vivencias do meu aluno onde vai ficar ? Vai passar assim simplesmente? São bem complicados, em trabalhar a visão de muitos professores e diretores aí. Porque se não nunca vai mudar essa visão do professore de artes, tem que ser bom em desenhar em pintar, ele tem que saber fazer painel, eu consigo fazer todo esse tipo de coisa, mas, e daí tem professor de arte que não consegui tem pedagogo que desenha melhor que pinta melhor que faz decoração melhor. Porque que a gente trabalha as quatro linguagens hoje em dia na escola. Por que tem aluno que é bom em alguma coisa que o outro não é, então se eu trabalhar só arte visual, então o meu aluno que dança bem que sabe criar uma coreografia, ele vai se destacar como e quando? Não tem como. Por isso a importância de trabalhar as quatro linguagens. E tem professor que se custa que bate na mesma tecla, que eu não tive curso sobre isso então não vou trabalhar, quem busca tem que pesquisar, porque se meu aluno não sabe desenhar, aonde eu vou encontra outro destaque dele na arte, é na dança? São no teatro? E na música? Em alguma coisa ele é bom. Se eu não trabalhar outras linguagens vai ficar sempre na mesmice e sempre o mesmo serão o auge da sala/turma. E essa é a importância e desmistificar que o professor de artes tem que ajudar na decoração sempre, a gente tem coisa mais importante e objetivadas para aplicar com nossos alunos.
- J.S. Eu ajudo nas coreografias, e sempre que a gente trabalha nas coreografias eu converso com eles a importância da dança, mas nada muito específico.
- MARIA. Esse é o segundo ano que estou trabalhando na educação infantil em Içara, no ano passado quando entrei na escola eu pedi o PPP , elas disseram que o PPP tinha mais alguém pegou e sumiu , é uma fala frequente nas escolas, sobre os eventos eu sempre me envolvo até porque eu sou metida e acredito que o professor deve se envolver pois o professor não deve ficar só na sala de aula ele deve se envolver na vida escolar , e depende o evento eu me envolvo , a respeito à dança teve a festa da família ,teve as danças , mas a responsabilidade foi das pedagogas , eu só ajudei a dar ideias e ensaiar , a pensar no figura .
- MILCA. Eu me envolvo sim com os eventos artísticos das escolas, eles terão no PPP, as minhas obrigações por ser professor de arte, geralmente fico com a decoração da escola. Basicamente

isso.

- SHEILA. Sim eu costumo trabalhar em conjunto com as professoras titulares de sala, eu costumo mostrar para elas algumas apresentações, pesquisar na internet, e quando tem alguma atividade do calendário escolar, nos trocamos experiências.

03. Como você elabora o seu planejamento a partir do conteúdo de dança? Você utiliza algum autor? Que critérios você elenca para elaborar as suas aulas?

- ANTONIA. Com a nossa coordenadora fizemos encontros e elaboramos nosso planejamento. Sigo a sequência do planejamento feito com a coordenadora.

- BRUNA. Nós recebemos um planejamento anual da secretaria de educação com os conteúdos que devem ser trabalhados durante o ano letivo, e a partir dele cada professore desenvolve seus planejamentos de acordo com as normas do CEI que trabalha, no meu caso o CEI que trabalho adotou o modelo de projeto da UNESCO.

- FRAN. o meu planejamento geral , é que eu trabalho no Município o de criciúma e içara, cada instituição cada município trabalha de forma bem diferente , a princípio eu faço meu planejamento dividido por semestre ,faço planejamento anual, mas neste planejamento e dividido por semestre, assim como as avaliações no infantil, eu costumo no meu planejamento agregar o projeto que a escola esteja trabalhando , não no projeto semestral mas no de aula diário, eu também faço plano diário até porque cada dia eu dou aula para turma diferentes, então cada turma tem as suas necessidades, e especificidades únicas, então eu procuro trabalhar aquilo que eu julgo necessário e apropriado para determinada idade, cada turma com seus objetivos , só assim para não se perder mesmo , porque os objetivos bem detalhados estão já no meu planejamento, e no plano diário eu coloco a turma e o que aconteceu em aula, e tudo é registrado. A dança é uma das expressões artísticas mais antigas nem, então como já respondi na questão 1, eu tento incluir ela em qualquer trabalho que eu vá fazer, logico que não é possível conciliar TODO o trabalho com a dança, até porque a gente não tem uma formação, eu faço aquilo que eu pesquiso e acho necessário e certo. Quando eu trabalho na educação infantil eu trabalho para eles compreenderem a dança como variedades da linguagem artística, e diversas danças não apenas como apresentação, manifestação dos povos do tipo de arte que estamos trabalhando, se eu estou trabalhando arte africana eu trabalho dança africana, se trabalho arte indígena eu trabalho dança indígena, tudo eu tento envolver a dança, porque é com a dança também que eles vão compreender os elementos do corpo e o movimento. Então eu acho que é extremamente importante isso na ed. Infantil. Perceber o corpo perceber o movimento, aquilo que consigo fazer, as questões de lateralidade, as questões de diferenças culturais, tudo isso eu envolvo no plano geral, e vou desenvolvendo no plano diário. E vou pesquisando autor que vou incluir, mas eu trabalho mesmo é a prática com os pequenos, eu não trabalho o autor com o aluno, só para eu me basear em alguma coisa, porque a dança ela tem várias vertentes. Cada um tem uma opinião, então eu procuro um autor para mim e não para os alunos.

- J.S. Na verdade, eu não me sinto muito preparada para trabalhar a dança em si, eu apenas trabalho à música e depois dependendo da turma e do que a gente está trabalhando a gente cria uma coreografia, e falo da importância da dança.

- MARIA. Eu penso num tema numa problemática e vejo o que vou trabalhar e vejo colocar o máximo de linguagens possíveis, exemplo: eu trabalhei a pré história esse ano e trabalhei artes visuais teatro o movimento do corpo, como ele andava, como agia, na parte cênica também entra a parte de dança né , também trabalhamos a etnia polonesa no município de içara cada ano se trabalha com uma etnia, então a gente apreciou levei videozinhos de dança , a gente dançou , eu não trabalho com nenhum autor na minha grade na faculdade não tinha dança a minha grade é um pouco antiga .

- MILCA. eu procuro colocar o conteúdo sempre que dá ao planejamento , o autor que utilizo é Laban e os critérios que uso , é a imaginação , a criatividade , a improvisação o corpo e os movimentos , é o olhar para si e para o outro , lembrando que a dança aqui , quando falo nesse planejamento eu não uso como coreografia eu uso como um jogo , na Ed. infantil eu uso como um jogo , porque na Ed. infantil sempre temos que usar a ludicidade, para a criança se envolver na brincadeira no jogo e assim desenvolver a corporeidade, esses são os critérios que uso para elaborar projeto quando penso em dança.

- SHEILA. Eu trabalho sempre com projeto, eu faço os projetinhos, e levam de um a dois meses, e um projeto por semestre eu uso o projeto da musicalização que a dança está presente, e também nesses projetos temos a arte em si onde fazemos a produção, eu trabalho com as músicas da palavra cantada que eles gostam ou infantis mesmo do xuxo ou parati pata que eles se divertem e gostam muito.

04. Como você elabora as coreografias presentes no conteúdo de dança? Você cria para apresentações exclusivas, ou utiliza esse elemento pedagógico? Os alunos podem participar das criações?

- ANTONIA. Eu escolho uma música que tem haver com o conteúdo da programação, e aplico com as crianças, uso os dois no meu plano de aula, sim as crianças participam.

- BRUNA. A coreografia é montada de acordo com o tema passado pela direção do CEI, então ela é elaborada a partir disso, eu não tenho muita experiência eu pesquiso um pouco na internet e levo os passos para a sala onde os alunos vão reproduzindo, e vai sendo modificado de acordo com o grau de dificuldade que eles sentem, porque nem sempre o que para nos parece ser fácil, para os alunos vão conseguir reproduzir.

- FRAN. Com coreografias exclusivas não acontece muito, a gente parte mais para a parte decorativa na festa e nos eventos culturais, mas em sala de aula é sempre conjunto professor/aluno, a gente pode dar opinião de coreografia e até mesmo é muito rico pedir a opinião deles, as vezes que trabalhei não foram muitas, mas penso que tem que ser uma troca de experiência. Nos aprendemos muito com os alunos.

- J.S. Eu já trabalhei já trabalhei e trabalho com danças exclusivas para apresentação, onde os alunos também podem participar da coreografia, opinando e dando sugestão, mas isso é mais com o ensino fundamental I e II.

- MARIA. Como eu não tenho formação em dança eu não me sinto responsável suficiente para criar uma coreografia, quando a gente vai dançar não é assim criar coreografias e mais em movimentar o corpo em perceber o seu próprio corpo coisas assim. Como antes eu não tinha formação a gente meio que se esquivava dessa situação. Eu já fiz aula de dança de salão na UNESC, mas era um curso para aluno e não para professor, hoje eu me inscrevi para a pós graduação em dança que vai ter em criciúma. E as minhas dificuldades e tipo, música, sobre música já está bem difundido que tem que ter música, e na escola já tem muitos livros sobre isso e vários títulos sobre isso, mas dança eu ainda não encontrei nenhum isso tanto na prefeitura quanto no estado, um livro para o professor na escola não tem, a minha dificuldade é falta de material pedagógico porque ideias a gente tem bastante.

- MILCA. Quando eu sou chamada para estar trabalhando junto à outra docente eu ainda não fiz uma coreografia essa parte da dança com as crianças quem elaborou foram os professores de educação física e sempre foi assim, mas eu acredito que quando eu for fazer, penso que os alunos devem sim participar das criações.

- SHEILA. Quando é ara algum evento, eu costumo estudar bastante as coreografias e trocar experiência com as titulares, as coreografias ficam para os eventos da escola, e no dia a dia, eu deixo mais solto e fico observando, eles perdem a timidez. Eu costumo usar muito essa linguagem desta maneira, as coreografias e mesmo só nos eventos escolares. Nos momentos diários eles mesmo fazem as criações.

05. Quais as maiores dificuldades encontradas no ato pedagógico com o conteúdo de linguagem da dança em suas aulas? Comente.

- ANTONIA. Não tenho dificuldade pois aplico a música junto com a dança, e os alunos sempre participam.

- BRUNA. Uma das dificuldades é a falta de estrutura para desenvolver uma aula de dança, nos nossos CEI'S eles não têm a estrutura necessária. E outra dificuldade para mim é a falta de preparação do profissional, porque na universidade a gente tem uma disciplina que dura um semestre só sobre a dança, mas o semestre se torna curto para a gente se apropriar mais do assunto, acaba acontecendo tudo muito rápido e nem sempre tem uma capacitação para os professores sobre o tema, então fica um conhecimento vago.

- **FRAN.** A maior dificuldade é a falta de preparação para isso, eu penso que desde a constituição federal todas as leis que regem a educação, as leis que regem o ensino da arte. É muito fácil fazer lei mas preparar os professores é que é difícil, no papel é tudo muito bonito né , a maior dificuldade é que o professor tem que ir em busca ele próprio de qual é a melhor maneira a melhor forma de estar trabalho o a linguagem da dança com os alunos, e outra dificuldade é os espaços da escola , não existe espaço apropriado, este que faça a chamada araste as carteira para fazer uma linguagem corporal ali já se foram 30 minutos de uma aula de 1 hora e 30 minutos , e ainda arrumar tudo de novo para a próxima professora , . E muito fácil fazer lei e o professor que se vire nem, e o maior prejudicado é os alunos, falta de supervisão de orientação, falta de cursos extracurriculares.

- **J.S.** Na verdade a maior dificuldade e como passar esse conteúdo para os alunos, de que forma seja ela pedagógica e não pratica, ainda mais na educação infantil, eu tenho muita dificuldade, não me sinto muito à vontade.

- **MILCA.** As maiores dificuldades que encontro na área da dança teoria eu tenho, um olhar aguçado para ver a dança em tudo, eu tenho, mas saber como conduzir as crianças a conseguir ver e conseguir expressão, isso essa parte essa parte eu ainda não domino, ainda me falta bagagem, segurança, mas o fazer acontecer eu ainda não consigo.

- **SHEILA.** Eu não encontro dificuldade não, eu acredito que a linguagem da dança é complemento nas artes visuais, como no meu próximo projeto vou trabalhar Romero Britto, vou citar como exemplo a obra borboletas e trago uma música de borboletas para eles. As vezes a criança não se destaca no desenhar no pintar por isso a importância de outras linguagens como a dança, e de repente na dança ela se destaque. A dança vem para facilitar e facilitar, ela vem para acrescentar no ato pedagógico. Eu sempre trago uma obra e encaixo com uma música e já vamos dançando. Acredito que a dança é complemento nas produções que a gente faz nas artes visuais.

06. Você acredita que a falta de estrutura física impede a elaboração de planejamento efetivos para o desenvolvimento do conteúdo de linguagem da dança? Porque?

- **ANTONIA.** Concordo, pois, tem que ter um espaço, apropriado para esse fim, se perde muito tempo se tiver que retirar as cadeiras para assim aplicar a aula.

- **BRUNA.** eu acredito que a falta de estrutura não pode nem deve impedir o professor de estar passando para seu aluno o conteúdo , mas isso acaba prejudicando um pouco sim a aula, pois a gente sabe quanto é importante um espelho , uma sala equipada com barra pra fazer um alongamento , o tatame também é muito importante para o aluno estar desenvolvendo a aula, um som de qualidade, tudo isso torna a aula mais envolvente , o aluno tem mais contato ele pode estar se vendo no espelho, porem a gente sabe que a nossa realidade não é essa , isso não deve impedir o professor de aplicar o conteúdo .

- **FRAN.** Como respondi na questão 5 , a escola não está preparada , se nem com o aluno com necessidades especiais então imagina com estrutura adequada para receber a linguagem da dança, mas também não podemos colocar a culpa só na estrutura , quando o professor é determinado ele consegue , vai muito do professor, mas que é complicado não ter estrutura adequada é , principalmente pela falta de tempo que a gente perde , porem se o professor é mediador , pesquisador , ele se adapta e conseguiu até porque as crianças merecem conhecer todas as linguagens da arte.

- **J.S.** Eu acredito que nem seja a estrutura física, a maior dificuldade é como trabalhar a dança com as crianças, eu tenho pouco conhecimento. O que eu trabalho é o que aprendi na pôs e de um curso que a gente teve.

- **MARIA.** Seria MA-RA-VI-LHO-SO, ter uma sala de dança espelho e tudo mais, mais eu não vou sonhar com isso ainda porque eu uma realidade ainda bem distante, quanto a estrutura física eu acho que não pé a dança pode ser desenvolvida em qualquer espaço.

- **MILCA.** Eu acredito que ainda falta sim estrutura nas nossas unidades, porém não impede que o conteúdo da dança aconteça, na Ed. infantil ela não está aqui para ser técnico, ela é um jogo uma brincadeira, podendo se transformar em uma coreografia, mas qualquer espaço pode se transformar em espaço de dança, a quadra um espaço ao ar livre, na sala arreda as mesas, a criança rola a criança

brinca e qualquer espaço pode se tornar possível.

- SHEILA. Eu acredito que sim em partes, se quer preparar uma coreografia e na escola não posso espaço, isso dificulta, mas acredito que toda a escola possua espaço físico, por exemplo um dia das mães, pode estar ensaiando no pátio da escola, principalmente para Ed. Infantil para que para eles qualquer espaço é uma festa. Quando é mais para diversão, mesmo em sala de aula é possível, é só arredar as carteiras para o cantinho. E as crianças ficam bem alegres. A não ser que é para evento que precisa de espaço maior. Mas no dia a dia, coloca uma musiquinha para descontrair e preencher aquele espaço de tempo.

07. De que maneira a sua formação acadêmica contribuiu para o seu entendimento efetivo e para o trato das práxis com o conteúdo de dança na escola?

- ANTONIA. Diretamente o conteúdo dança não tive formação no meu curso, mas utilizo outros gêneros artísticos para associar com a dança.
- BRUNA. A disciplina de dança educação ela constava na grade como uma disciplina optativa, e foi unanime a votação a sala, pois a dança faz parte do conteúdo de artes, então foi muito importante para nós não entramos em uma sala de aula sem experiência nenhuma, pois ela nos trouxe a prática e a teoria e a partir disso estar desenvolvendo um trabalho em sala de aula.
- FRAN. Me formei em 2010 pela UNESC, não era falado tanto em música dança e teatro quanto hoje , porém antes mesmo de me formar eu já procurava buscar e trabalhar sobre várias linguagens, com ressaltei nas primeiras perguntas, pela possibilidade do aluno poder se destacar em outras linguagens, ninguém é da mesma forma , todos somos diferentes, porem na época que me formei, nem havia disciplina de dança no meu curso, hoje eu sei que tem , até gostaria de fazer só está disciplina isolada, música , e teatro , porque na minha época só tinha o teatro, penso que min há formação não me acrescentou muito não sobre as relações com dança. Eu pesquiso muito e me baseio nas leis e estudar muito. Eu faço o que eu poço. Porque professor é cheio de compromisso, porque para uma vez na semana para dar uma estudada já é muito. Ver o que tem de novidade. A gente acaba se formando e as coisas avançam muito rápido, e muitas coisas vão surgindo ainda mais no mundo da arte. Então a minha formação acadêmica para a disciplina de dança não me trouxe muitas experiências não.
- J.S. A minha graduação não me ajudou porque na minha grade não tinha nenhuma matéria especifica da disciplina de dança o que me ajudou foi na pós graduação que a gente teve uma matéria.
- MARIA. A minha formação acadêmica não teve ainda contato com dança, na universidade a gente viu muito pouco, não me lembro nem o que, não tinha nenhuma disciplina especifica, ficava mais para a parte de Ed. física, mas agora estou procurando mais formação, sobre a minhas práxis, quanto mais a gente tiver formação, melhor a aula vai ficar, se a gente se isolar no nosso mundinho e não procurar mais nada vai cada vez ficar pior. Eu também intendo que os quatro anos de universidade são pouco para todos os conteúdos que deveríamos ter, então o problema não é nem da universidade, porque sei que está sempre mudando as grades e melhorando e que bom que isso acontece
- MILCA. Contribuiu para que eu tivesse a teoria, que a dança é importante, que a dança é uma linguagem, me deu um norte a seguir, para mim foi importante, mas ainda faltou a parte pratica saber como colocar para a criança, a parte teórica na graduação tive entendimento.
- SHEILA. A minha formação academia a linguagem da dança não foi focada, os meus três estágios foram em artes visuais eu não foquei na dança. A dança ficou na parte teórica. Mas diariamente com os alunos eu vou aprendendo o que funciona e que não funciona, e procuro sempre vendo vídeos e coreografias e trocando ideias com os pedagogos que já estão a bastante tempo. Na formação acadêmica não me aprofundei tanto.

08. O que significa a Dança em sua opinião? Conceitue-defina.

- ANTONIA. Culturalmente um gênero artístico indispensável.
- BRUNA. A dança é uma das mais completas das manifestações artísticas, porque ela envolve a música, a dramatização do teatro ela envolve a pintura, envolve inúmeros elementos que fazem parte

da arte. E ela é a libertação da alma, a pessoa quando está dançando, ela bota para fora toda emoção que ela sente, e ela acalma muito a pessoa.

- FRAN. A dança para mim acima de tudo sendo coreográfico ou não, é uma forma de liberdade, é uma forma de expressão corporal da mais completa que existe, porque na dança a gente conseguiu envolver a música o teatro a arte plástica, a dança e transição de sentimento, a dança é percepção de todo nosso redor. Eu adoro dança e penso com pesar e não saber muitas vezes como trabalhar isso com os alunos, a dança é prazer é lazer.
- J.S. Movimento do corpo expressão do corpo onde o corpo se manifesta pelo movimento.
- MARIA. A dança para mim é uma manifestação cultural e presente em todos os povos, ela meche com corpo com coração com sentimentos lá é uma linguagem da arte muito rica e pouco explorada por mim.
- MILCA. A dança ela é uma expressão da vida e uma expressão do ser humano, ele deveria dançar desde sempre, nos alegramos, nós pensamos, nos movimentamos, dançando a gente aprende a gente erra a gente cai a gente levanta,
- SHEILA. Eu sou rezem formada tenho só dois anos de formação, trabalhando agora com Ed. Infantil eu sempre estou aprendendo. E estar incluindo ainda mais a linguagem da dança, e as crianças gostam muito disso, a dança na Ed. Infantil é fundamental, até os mais inibidos se soltam e mostram a sua personalidade.

09. Qual é a importância do desenvolvimento desse conteúdo nas aulas de Arte, na educação infantil?

- ANTONIA. Ajuda muito na coordenação motora da criança.
- BRUNA. A dança é uma das linguagens artísticas que mais contribui para o desenvolvimento da criança, porque a partir dela a criança consegue desenvolver uma noção de espaço maior, quando ela trabalha movimentos em cima e em baixo, direita, esquerda, para frente para trás, movimentos delicados que desenvolvam o trabalho da coordenação motora fina, isso acaba contribuindo também em outros aspectos, escrita, no momento do desenho, ela trabalha muito a emoção, criança começa a dramatizar, porque a dança ela exige de certa forma expressões faciais, onde de acordo com a dança você vai estar feliz ou sério, isso é muito bom para o desenvolvimento e inúmeros outros aspectos.
- FRAN. Piaget já dizia que a criança no período da pré-escola, ou seja, na Ed. infantil, tem mais facilidade no aprendizado, eu acredito muito nisso. Porque estou trabalhando ritmo coordenação, movimento postura, flexibilidade, tudo isso vai refletir depois lá na aula com o pedagogo, desde pegar um lápis até sentar direito, noção de espaço, tudo isso é desenvolvido na dança, quanto mais cedo essa linguagem ser trabalhada na criança vai facilitar a integração até mesmo social dela. Dela ter opções e desejos se ela vai gostar ou não, o principal é o reflexo do ensino da dança na vida da criança, e evolução com relação ao domínio do seu corpo. Algumas crianças superam até seus limites, como professor mediador nós temos que criar condições. A gente fala tanto em criar cidadãos críticos e ativos na sociedade, mas vemos muitos professores que não trabalham outras linguagens e ficam só no estereótipo do desenho.
- J.S. É importante na Ed. infantil porque trabalha com o corpo, o movimento, trabalha ritmo e outra culturas. A criança está sempre propícia a conhecer coisas novas. O pouco que trabalho com dança eles amam é uma aula encantadora.
- MARIA. Eu acho que todos os conteúdos desenvolvidos em arte eles tem uma importância gigantesca, eu acordo todos os dias pensando nisso e acreditando nisso porque se não teria sentido eu dar aula, porque todos eles vão além do que eu posso imaginar, as vezes a gente prepara uma aula e acredita que vai desenvolver a coordenação motora e a imaginação, o mágico da Ed. infantil e prazeroso, eles vão sempre além do que imaginamos, mas lógico a dança vai desenvolver a lateralidade, equilíbrio as emoções, com o corpo, conhecer os movimentos, ritmos expressão corporal, eu acredito que todo conteúdo colabora para uma vida adulta mais tranquila, para ter mais serenidade, para saber lidar com os problemas que tem e terão.

- MILCA. O conteúdo da dança, que bom que tiveram um olhar para incluí-lo nos parâmetros, porque contribui para formação de um indivíduo seguro, e começa a olhar para o seu corpo, para os seus movimentos. A dança já está na Ed. infantil não com tanta frequência mais estamos caminhando para isso, antigamente não era assim e não tinha isso no currículo e perdemos muito com isso. O adulto lá na frente vai conseguir criar e desenvolver melhor, e lá na frente ter mais subsídios.
- SHEILA. Já respondi no número 8, é fundamental trabalhar dança na linguagem da arte, ela é um complemento. E pretendo cada vez mais estudar sobre.

APÊNDICE B - IDENTIFICAÇÃO DA AMOSTRA

Identificação da Amostra

Nome: _____

Idade: _____

Escolaridade:

Ensino médio: _____

Superior completo: _____

Pós-graduação: _____

M () D ()

Tempo de atuação na educação infantil: _____

Cursos de formação extracurriculares em dança:

() sim, quais:

() não, mas tenho interesse.

() não, pois não julgo necessário.


Assinatura do participante

Data: ____/____/____

APENDICE C - MATRIZ ANALÍTICA

Perguntas	Objetivos
01. Você costuma utilizar/ministrar o conteúdo de linguagem da dança em suas aulas? De que forma essas aulas acontecem? E com que frequência?	Geral: Descrever qual é o espaço que a linguagem da dança ocupa nas aulas de Arte, na educação infantil nas escolas municipais em Içara a) Relatar como os professores de Arte planejam e executam suas aulas a partir da linguagem da dança.
02. Você se envolve nos eventos artísticos programados no calendário da escola? Quais seriam as suas responsabilidades? Eles são previstos no PPP?	Geral: Descrever qual é o espaço que a linguagem da dança ocupa nas aulas de Arte, na educação infantil nas escolas municipais em Içara
03. Como você elabora o seu planejamento a partir do conteúdo de dança? Você utiliza algum autor? Que critérios você elenca para elaborar as suas aulas?	Geral: Descrever qual é o espaço que a linguagem da dança ocupa nas aulas de Arte, na educação infantil nas escolas municipais em Içara a) Relatar como os professores de Arte planejam e executam suas aulas a partir da linguagem da dança.
04. Como você elabora as coreografias presentes no conteúdo de dança? Você cria para apresentações exclusivas, ou utiliza esse elemento pedagógico? Os alunos podem participar das criações?	Geral: Descrever qual é o espaço que a linguagem da dança ocupa nas aulas de Arte, na educação infantil nas escolas municipais em Içara a) Relatar como os professores de Arte planejam e executam suas aulas a partir da linguagem da dança.
05. Quais as maiores dificuldades encontradas no ato pedagógico com o conteúdo de linguagem da dança em suas aulas? Comente.	b) Apontar quais são as dificuldades encontradas pelos professores de Arte na prática pedagógica de suas aulas a partir da linguagem da dança.
06. Você acredita que a falta de estrutura física impede a elaboração de planejamento efetivos para o desenvolvimento do conteúdo de linguagem da dança? Porque?	b) Apontar quais são as dificuldades encontradas pelos professores de Arte na prática pedagógica de suas aulas a partir da linguagem da dança.
07. De que maneira a sua formação acadêmica contribuiu para o seu entendimento efetivo e para o trato das práxis com o conteúdo de dança na escola?	b) Apontar quais são as dificuldades encontradas pelos professores de Arte na prática pedagógica de suas aulas a partir da linguagem da dança.
08. O que significa a Dança em sua opinião? Conceitue-defina.	c) Mencionar qual é a importância da linguagem da dança para o ensino da Arte na Educação infantil, conferindo pelos professores da amostra.
09. Qual é a importância do desenvolvimento desse conteúdo nas aulas de Arte, na educação infantil?	c) Mencionar qual é a importância da linguagem da dança para o ensino da Arte na Educação infantil, conferindo pelos professores da amostra.

APÊNDICE D - AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	---

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
 _____(PROFISSÃO), _____ portador(a) da
 carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
 EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº
 (NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmica Jheniffer de
 Oliveira Pereira do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Profª Me.
 Francine Costa de Bom para que o mesmo os disponibilize como dados da
 pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
 descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
 à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa
